

CRONICAS.

TEXTOS E POESIAS

DE UBIRAJARA ROCHA

DATA

PLACA

Partida Chegada

H O R A

Conductor

Residencia

Obse

Areias, Pátria do Silêncio e do esquecimento

UBIRAJARA ROCHA

Época houve, e não muito remota, em que Areias, velha e pequenina cidade perdida na zona norte do Estado, destruiu de brilhante e ativo prestígio. Plantada em curvas colinas, era um centro poderoso de progresso intelectual e artístico, de esplendor político e financeiro, que enfiava o Estado com a opulência de seu destino. Companhias fricas de nomeada visitavam-na com frequência, não sendo raros os festivais de imaginação e arte que ali se realizavam. A cidade vivia envolta na ficção do sonho, do belo e do dinheiro. Famílias aristocráticas e de grande importância econômica ali viviam e ali expandiam o seu belo orgulho, proprietárias que eram de extensas glebas de terras, onde lourejavam as plantações, onde verdejavam os cafeais viçosos e o gado enriquecia e poetizava os pastagens calmas.

Areias era uma das comarcas mais importantes do interior de São Paulo. Seu fóro era movimentadíssimo. No tribunal do júri, cuja espaçosa sala viveu dias e horas de vibração cívica e jurídica, brilhou a inteligência profunda e misteriosa do Maupassant do conto brasileiro: José Bento Monteiro Lobato. Desempenhando o cargo de promotor público, o admirável e plástico artista de «Urupês» residia durante cerca de três anos na então formosa cidade, onde deixou indeleveis marcas de seu peregrino e primoroso talento. Talento ainda nascente e em esboço naquele recuado período, mas que, anos depois, como todos sabem, iria deslumbrar todas as gerações da intelectualidade patricia e mesmo continental.

Pouco a pouco, porém, os temíveis vermes da decadência se apossaram de Areias e a foram roendo, roendo... Hoje, quase nada resta de seu fausto antigo, de seu pomposo luxo, de seu soberbo prestígio.

- Areia de Hoje -

Hoje, o progresso, ali, é uma lenda. Seus horizontes se apagaram, tapados pela sua amiga fiel: a pobreza. A cidade tornou-se humilde e insignificante como um pequeno brejo. É penoso e é comovente contemplar toda essa impiedosa devastação, todos esses quadros desoladores de retrocesso urbano. As casas, que lhe formavam as ruas, quase todas desaparecem, desmanteladas e sumidas no seio do tempo de-

vorador. Poucos foram os solares, casarões e sobrados que escaparam das garras demolidoras desse naufragio impressionante e quase total. As habitações que ficaram desabam de fadiga, e nada mais são do que despojos dolorosos, sem nenhum fremito de vida, esfumados signos de uma grandeza defunta. São ruínas amareladas, gastas pelo implacável açoitio do tempo, vestígios apagados de taipas e tijolos ou modestos casebres e tapéras, chales asobradados comidos pelo azinhavre do tempo, pela lepra dos anos.

A cidade toda ostenta em sua fisionomia a triste melancolia dos velhos. Sulca-a a mágoa secreta do envelhecer. Os que a povoam como que jazem mergulhados em sonhos tristes. Ali, os dias escorrem com a lentura de um óleo denso. A monotonia ensopa os dias pálidos e tristonhos. Por toda a parte, na paisagem insípida que fatiga, reina o tédio do silêncio. Pregulhosa e vadia, a cidade dorme e vegeta à sombra

perpetua da calma e da paz profunda das coisas. A noite, faz-se lúgubre e taciturna, o oceano da escuridão noturna tenta submergi-la no seio das trevas. A iluminação pública é magra e escassa, fraca e desmaiada como luzes de eclipse; quase que só a alumiam a luz mineral das estrelas e as praias leitosas da claridade lunar.

Assim, a cidade que foi infinitamente rica tornou-se infinitamente pobre. Ficou reduzida à sua desolada pureza elemental, indo, com seus passos vacilantes, de uma desesperança a outra desesperança.

Tudo está tão morto para ela como os mortos. Toda ela é, agora, como uma flor murcha num vaso vazio.

Todo o esforço industrial e comercial do homem é inteiramente desconhecido naqueles pântanos de vulgaridade. Não há iniciativas ou realizações práticas que a despertem do

torpor de seu sono letárgico, ou que venham transformar o seu humilde e patético destino. o destino de continuar paralizada, o destino de ser a avó de si mesma.

Sómente a poesia e o sonho podem suspirar no coração de seu povo dócil e pacato, de seu povo simples, tranquilo, submisso e pacífico, tão amigo da ordem, da disciplina e do silêncio que bem se poderia chamá-lo de uma população de ovelhas.

- Perspectivas Sombrias -

Até quando Areias continuará agonizando sob a róxa tristeza dos crepúsculos? Até quando aquela que foi uma das mais linda, rica e encantadora cidades do Estado se arastará como um rio de azeite, por entre as curvas e as sinuosidades da decadência?

Pobre destrófo trágico: a chama de sua vida sobreviveu a si mesma. E a avó de si mes-

ma, como já dissemos e acentuamos, e somente os estêtes e sonhadores poderão comover-se diante da sua infinita melancolia, remexendo as joias do seu fabuloso tesouro de recordações.

Areias! A cidade que morrerá fiel aos fantasmas do passado.

A mais estranhas prisioneira da saudade, o mais sombrio depósito de almas mortas...

UBIRAJARA ROCHA

14 Uma das clássicas maneiras de conhecer Deus consiste precisamente em negá-lo. Diz ainda A. Huxley: «As coisas não existem em função de seus contrários...». Isso implica Deus. A existência de Deus como que grita dentro de nós, pulsa nas fibras mais íntimas de nosso espírito, cintila em nossa consciência, celular ou nervosa, palpita em nossa profunda subjetividade espiritual. Não só a fé, não só a crença ou um sentimento ideal e intimo, mas o mais simples e elementar entendimento humano pode perfeitamente atingir a noção ou a percepção de Deus, como luminosamente provou Spinoza com o seu «conhecimento intelectual de Deus.» O próprio Voltaire, o cético perfeito, o espírito que de tudo deseria como o mais empedernido negativismo, o pensador que colocava a sabedoria abaixo de princípios morais sofisticados e subversivos, admite a possibilidade da existência de um Ser Absoluto ou Supremo, que outra coisa não é senão Deus. Sócrates, Aristóteles, Platão, Kant, todo o luminoso elenco dos filósofos não materialistas falam da incontestável vivência de um demiurgo, de um ordenador supremo do cosmos, de Deus, em suma. Todas as religiões, grandes ou pequenas, antigas e modernas, aludem à certeza inquestioná-

Entretanto, Deus a tudo vê,
a tudo provê, em sua divina e

Sejamos, portanto, puros de coração e espírito, como pregam os Evangelhos, para que possamos, desde já, gozar as delícias de um inefável Eden particular e pessoal. Vivemos inteiramente em consonância com os ditames de nossa consciência, - permanente tribunal interior, severo e justo, que pesa e julga todas as nossas ações com a maravilhosa independência e inflexibilidade de Deus.

Observações

DAT

SOCIAIS

MAIS BELA QUE A ROSA-XÁ

SIM, BELA. a Dhalia Gris, é muito mais bela que a Rosa-Xá...

Bela vive lindamente adormecida na encantadora camarinha, da ilusão. Sua buliçosa psiquê de andorinha repousa no róseo casulo da beleza.

Bela não é necessária ao amor: ela é o Amor. Ela traz na face a meiga palidez das camélias; há síncope de ternura na doçura sarracêna de seu olhar de pervinha que adocece.

Sua silhueta é suavíssima e adorável, ondeando sob a leve fazenda de tule.

O amor de Bela é semelhante ao pão dos anjos, à brisa do Paraíso. Seu amor é o mais doce alimento da alma.

Ao vê-la, pela primeira vez, pude sorrir com um sorriso de contentamento divino — eu que vivo fechado, emparedado, ençapsulado dentro de mim mesmo como um lobo da estêpe.

Amei Bela tarde demais. Amei-a quando já havia loucamente malbaratado os dons com que fui aquinhoado pelo Destino. Antes de conhecê-la, já havia manufaturado minha imensa desdita, enrolando-me numa mortalha de dor.

Meu amor é um pobre enfermo condenado à morte, envolto num crepe de silêncio.

Mas... é impossível esquecer os olhos de Bela — olhos cor de pêssego, olhos cor de sonho, olhos cálidos e penetrantes. É impossível esquecer sua pele ambarina, penugada de rosa.

Bela é a mais linda flor dos jardins de Alá, a mais fascinadora encarnação da formosura ocidental. Seu vago idealismo de moça seduz, fascina, encanta, cativa para sempre.

Bela inspira amores de duração eterna, de duração egípcia. Prendemo-nos a ela como o perfume à flor, como o calor à chama, como o desejo ao amor.

Em conceito cruelmente exato, a seus pés nada mais somos senão meras partículas de pó. Simples pulvísculos. Pobres folhas soltas de outono que o vento enróta. Penugem que flutua no ar. Espuma, fumaça dispersada pelo vento. Sombra, imagem, fantasia...

Bela, ouça as palavras do velho rapaz:

— Você é muito muito mais bela que a belíssima Rosa-Xá que ontem estivecia nos ombros polposos de seus pais...

UBIRAJARA ROCHA

Residencia

Observações

A noite estrelada vem chegando

UBIRAJARA ROCHA

A falência da ilusão seca as pequenas torrentes do coração.

Apaga a tocha divina da imaginação.

Estanca as fontes da vida e desfolha a alma.

Dilúe, em espumas mortas, e transforma em hóstias sangrentas de dor, o vóo ardente e alcifforme da alma.

Paralisa as pulsações da música e emudece as vozes da vida.

Mata na garganta o grito da esperança e do amor, que são os santos páss da vida.

Cobre os lábios ardentes e sonóros do poeta de terra e cinzas.

E na risonha claridade da vida espalha as tintas grisalhas do anoitecer.

E na manhã rósea e fresca e ensopada de luz, derrama os palores e os tonsa marelos do crepúsculo.

Da hora róxa do crepúsculo que excita perigosamente os loucos e os desencantados.

Do crepúsculo, que acende nos corações desiludidos uma ardente ambição de distinções imaginárias.

Do crepúsculo, que é o venenoso jardim onde desabroçam as fições de todos os de-

lirios e de todas as nevrosas.

Sim... a Noite Estrelada vem chegando...

Vêm chegando as estrelas loiras, a sombra serena, o ar de sonho sublime, o encantamento e o veludo azul da noite, o profundo azul purpurino da Noite Estrelada...

Vêm chegando a lágrima do sono eterno, a carícia branca do luar, o sangue do infinito, o vapor aveludado do êxtase, os fios de névoa azul e a longínqua voz ondulante da Noite Estrelada, gemendo a sua flexível melancolia...

Todas as almas arruinadas, todos os corações fatigados que boiam como algas no sombrio mar do sofrimento, que me ouçam, genuflexos e de mãos postas:-

O dia da vida está agonizando, e a Noite Estrelada vem chegando!...

Já se ouve o denotar de sua palavra cheia de ciência: escuta o ranger das portas da eternidade nos seus quícios imortais.

Porque a grande, a imensa, a profunda Noite Estrelada da MORTE vem chegando com a irreparável falência da Ilusão.

11

100

A Mãe de Judas

UBIRAJARA ROCHA

NAO são poucos os espíritos sensíveis que buscam descortinar, no acurado estudo do passado, qual teria sido a maior, a mais significativa e comovente dor humana. Pesquisam, indagam esses curiosos espíritos qual teria sido o mais pungente, o mais incomportável suplício físico e moral já mais carpi-do, já mais experimentado pelo coração humano.

Apontam, geralmente, sem vacilar, para o tremendo drama do Calvário, considerando o terrível martírio de Jesus como sendo o supremo sofrimento da história, o sofrimento que nenhuma criatura humana seria capaz de suportar e atravessar sem exprimir as mais fundas queixas e revoltas, sem soltar os protestos mais inflamados, mais vivos e viris.

Alguns, porém, de corações mais brandos, mais amenos e compassivos, opinam sem hesitar que a dor de Maria Santíssima ultrapassa em intensidade a revoltante tragédia da crucificação de Cristo. Imaginam esses afáveis e líricos espíritos que o suplício do Gólgota, a despeito de ter sido infinitamente patético e atroz, nada é, nada representa comparado à crudelíssima desolação de Maria, ajoelhada aos pés da Cruz, desfeita em lágrimas, como o amorável coração a sangrar, a jorrar sangue eternamente, transpassado e despedaçado pela espada da Dor.

Nada poderá superar a grandeza e a beleza trágica desse desespero sublime, dessa Dor que estremece e abala o coração do mundo, dessa Dor que faz sucumbir de pesar, que faz parar o coração do universo.

No entanto, houve e há, ainda na face da terra, muitas outras dores terríveis, muitas outras dilacerantes aflições e amarguras, muitas outras negras e profundas desesperações, de natureza moral e física, as quais tanto perturbam o espírito e o coração do observador mais endurecido. O sofrimento do justo, o tormento das crianças, as aflições da ingratidão, as perseguições aos que têm fome e sede de justiça, os castigos infrigidos às criaturas indefesas e inocentes... Tais são, entre outros, espetáculos que bradam aos céus, que comovem as pedras e o próprio coração das feras.

Afinal, é possível, é mesmo provável que todas as infelici-dades e desgraças que tombam sobre o mundo, que todos os in-fortúnios que desabam sobre a humanidade, que todas as calamidades que devastam a terra não, tenham outra fonte, não tenham outra origem senão nesses indizíveis e cruéis padeci-mentos, os quais provocam a cólera celeste, inspiram e de-dencenciam a ira divina.

Sim, inúmeras são as dores que mortificam, arrazam e aniquilam a sensibilidade humana. O mundo vive lançado em escuridão, sulcada por gritos de desespero, por brados de angústia por vezes inenarrável. São dores que certamente movem e despertam a infinita miseri-córdia de Deus, que decerto alcançam a clemência e a piedade do Altíssimo. Evóco, aqui, uma dessas dores - dor profunda, silenciosa, coberta de intensa dramaticidade, talvez sem testemunhas e sem consolo, ligeiramente referida pelos melho-res historiadores vivos e mortos: a dor da mãe de Judas...

Sim, a dor mãe de Judas... A dor, e inexprimível sofrimen-to, o desespero profundo que

deveria curtir aquela que con-cebeu e deu o ser ao infame e sinistro Traidor... Meditem, por favor, na intensa e obscura dor sofrida pela mulher que deu o alento da vida, que amamentou aquele ente sombrio e mudo, aquele vulto irredimível e hediondo e abominável, que constitui a mais permanente maldição. É-nos possível vê-la ou imaginá-la, ainda hoje, com os olhos do espírito, perdida na longínqua distância, totalmen-te afundada na obscuridade histórica, sózinha e de coração, partido, talvez amaldiçoada por todos, querida por ninguém...

Porventura seria impio e temerário afirmar-se que teria sido essa a maior Dor humana?

Declaração

Declaro para fins 2.a via, haver perdido o Certificado de Propriedade 30960 - Motor BG 70 caminhão Chevrolet comprado pela Delegacia de Itapeva em 27-1-1971, propriedade da Serraria Ltda.

Itapeva, 12-

a) Walter Frie

Declaração

Declaro, para fins de segunda via, ter perdido minha Certidão de Registro de Estrangeiro da Delegacia de Xiririca.

Itapeva, 10 de Março

a) Kasumi

JÁ ESTÁ A

ilus

apre

uma o
FOTONOV

Em t
ed
Agência

Gran
Vend

dencial
esquina
sendo
mente

Cel. ()
Tr
à ru

DATA

PLACA

Partida

Chegada

H O R A

Conductor

Residencia

Observações

UM MENINO CHOROU NO PRADO NEVOENTO

AS CASAS estão lavadas pela luz da manhã. Estou ainda dormindo, mas meu espírito está preocupado em traçar o esquema do pesadelo. Em minha cabeça há círculos de fogo que logo se despedaçam e reaparecem. Súbitamente, fulgura um relâmpago em meu cérebro: vou viajar...

Sim, vou viajar... Estou tão cansado do meu cansaço. Vou viver momentos divinos em todas as regiões do globo. Vou saborear o mel de felizes ocasiões humanas, de lindos momentos humanos. Vou gosar a delícia bem humana e bem biológica de correr mundo. Vou caminhar em diagonal pelo mundo afóra.

Vou viajar... Não suporto mais as passamanarias e o canário do vizinho. (O canário do vizinho é uma banana ouro que enlouqueceu dentro das grades da gaiola).

Vou viajar para os confins da terra. Vou ver élfos tristonhos, serpentes de sêda e marinheiros bêbados, correndo e voando pela encosta dos morros, pelo dorso das serranias boscosas, comendo rosas, mastigando colibris.

Vou ver tigres espiando na moita da estrada, esperando pacientemente a minha passagem, para cumprimentar-me com um breve e amistoso rugido. Responderei ao grande gato, assobiando no escuro, para abafar o medo, é claro...

Irei gosar devaneios de pescador vigilante, delírios de comprador de pão.

Sonharei sonhos de bebedor de xá. Terei quimeras de comedor de ópio.

Cometerei imposturas municipais, e andarei a pé, com as vestes pardas sujas de pó, com sandálias e bordão de peregrino oriental.

Verei faunos mancos engolindo rãs, rindo escondidos na sombra mais verde do bosque.

Verei mulheres meio ébrias, chamando-me com insistência para me dar carícias em troca de um maço de cigarros Beverly.

Sim, não há dúvida, vou viajar...

Irei ter a ventura sem par de visitar e conhecer os mais estranhos e exóticos países. Adotarei, é claro, todos os costumes locais, inclusive a indumentária, por mais pitoresca que seja.

Na Índia, terei a excelsa emoção estomacal de comer um prato de vermes. Na China, meu estômago se deliciará com um belíssimo petisco: ratos no mel. (Este prato só é reservado ao fino paladar dos mandarins...) Ainda na fumacenta China, no meio de gazis e inumeráveis crianças, usarei o ábaco na contagem aritmética.

E não será só isso, não. Almoçarei uma tigela no Egito. Jantarei um sapo em Manila. E em Lourenço Marques dormirei como um trapista numa cama de bambú.

Obnubilarei a barba na Argélia, cortarei o cabelo em Istambul. Em Casablanca comprarei um par de alpercatas judaicas. E em Trípoli assistirei um botânico alemão insultar as flores em latim.

Minhas impressionantes aventuras prosseguirão. Assim, no Templo do Dente, no Ceylão, a fim de lavar meus horribles pecados, pronunciarei cinco mil vezes a sagrada palavra Om. No Tibete, durante quatro dias, contemplarei a terra de cima do atelhado do mundo. Numa feira do Indostão, tocando uma rústica flauta de taquara, encantarei uma ferocíssima naja espumante e enfurecida, o que certamente embasbacará todos os turistas ingleses e franceses, naturalmente presentes ao prodigioso acontecimento.

Percorrerei, a pé, a longa estrada de Burma, apenas me alimentando de arsênico e figos secos de Damasco. Durante a temerosa excursão, discutirei com um valente sargento afgã. E uma formosa indiana longilínea e cor de azeitona, vestida de musselina, me convidará para ir com ela a Benares, a fim de purificar as minhas culpas, olhando três dias e três noites para a ponta de meu nariz. Naturalmente aceitarei o convite daquele caramelo em forma de gente, mas, a conselho de um sôtniro sacerdote copta, que argumentará insuportavelmente com uma eloquência socrática, passarei uma semana inteira a fitar o meu umbigo. Orai fervorosamente diante de um manipão de madeira preta, meditando profundamente no deslumbrante e maravilhoso fe-

nomeno da metempsicose. Vislumbrei, porém, apenas, alguns deliciosos aspectos do Nirvana búdico, coalhado de languidas e vaporosas huriis.

(Esse sacerdote a que estou me aludindo será naturalmente um profundo filósofo. Seu espírito com certeza terá um brilho que humilha o próprio sol. Todavia, como já acentuei, falará sempre com a insuportável dialética de um estudante grego).

E continuarei viajando... Nada falarei sobre a binúba afogueada e lírica que encontrarei na Judéia, dama de olhar flutuando num lago de languidez siríaca. Menciono que comparei um albornoz árabe, uma fina e cintilante adaga de beduíno, um alforge bem afiado e uma cimitarra artisticamente trabalhada, com a secreta intenção de apresentar o talentoso ilustrador Tebaldo, já bastante conhecido na Mongólia.

Viajarei, uma que outra vez, no lombo de lentos camelos e sacolejantes dromedários, não experimentando nenhum receio de palmilhar o deserto em cima de dóceis e domesticados elefantos.

As odaliscas (mas é claro) não me passarão despercebidas; o mesmo acontecendo com duas ou três sultanas capciosas e sutis. Visitarei, si Deus quizer, alguns serranhos de Seoul. E em Bankok, que diabo, tomarei um porre de gin...

Indo a Toquio, não perderei a oportunidade de assistir a um filme de Ingrid Bergman, e de chapéu na mão, terei a máxima honra de dar um forte viva ao Pelé. Tal gesto, um verdadeiro «beu geste», será naturalmente muito comentado pela imprensa internacional.

Sempre viajando, sempre gozando as supremacias da viagem continental, não deixarei de ser honrado, na Palestina, com uma deliciosa sopa de gafanhotos e formigas. Não me esquecerei de dar boas risadas num programa de televisão em Saigon. Talvez serei roído pelos percevejos numa sórdida pensão de uma vilazinha tumular da Birmaníia. Jogarei futebol nas Filipinas. Uma cobra me morderá em Bagdad. Serei cozinheiro na Tunísia, e em compensação, matarei um javali em Singapura.

Finalmente, serei preso nas costas da Síria e levarei um tiro em Bombaim. Todavia (não pense que não) saberei enfrentar com galhardia todos os códigos de suplicios policiais da África e da Ásia.

Enquanto estiver viajando, é muito claro que não esquecerei, um dia sequer, de enviar um postal ou telegrafar a Bela. Sim, porque a profunda e imensa saudade de Bela irá contiguar os confins da terra. Em Cisneros, onde irei estacionar no mínimo uma semana, escreverei para ela, em francês, dois poemets elegíacos, aos quais darei os pomposos títulos de «Lamento do Caçador Vadios» e «Risos de Tricoline Dentro da Noite». (Certamente, ao ler os meus trabalhos literários, os críticos e folhetinheiros de maior categoria intelectual irão dizer que se tratam de pequenos aguaceiros de bestice impressos de pequenos pés de couve plantados na porta do idioma. Paciência. O que vale é a intenção.)

Não poderei deixar de ir a Cisneros também lá dois grandes, dois generosos e excelentes amigos: um é barbeiro e outro é alfaiate. Este foi da Legião Estrangeira e outro cumpriu pena na Coreia. — Coitado, era assaltante de caravanas no deserto... Bom sujeito.

E agora, esquecido de tudo, mergulharei na minha paisagem de cinza, preocupado em traçar a moderna ordenada de x e y dos matemáticos, com o zero limite, procurando uma possível construção esquemática do universo. Logo após, deparando com argumentos indubitavelmente intransponíveis, topando com objeções cidadidamente insuperáveis, afanome em encontrar a identificação métrica das superfícies.

— Meu Deus, já não suporto mais respirar esta intolerável atmosfera de hospital. Espero tanto a visita de Bela... Por que será que Bela não vem?... Por que não vem ela colher esta imensa ternura que está florindo no meu peito?...
UBIRAJARA ROCHA

SÔBRE A CRISE DE POESIA

Ubirajara Rocha

PARECE que já se tornou habitual, na mente da maioria das pessoas inteligentes, o pensamento de que não há mais poesia na vertigem e o tumulto do mundo contemporâneo. A poesia morreu, costumam afirmar; assistimos a uma imensa crise de poesia, asseguram com a inabalável certeza das convicções profundas.

Tem-se proclamado com ênfase que a mulher é uma das grandes culpadas dessa profunda crise de emoção lírica. Em nossos dias, a mulher deixou de ser aquela criatura vaporosa e ideal, quase angélica que antigamente tanto inspirava a imaginação de seu «dóce inimigo» do sexo oposto. A mulher «socializou-se», abandonou definitivamente a área do lirismo e da ternura, libertou-se de injustas tutélas sociais e morais, fez-se esportiva e independente, «emancipou-se», e, segundo grande copia de pensadores e críticos de costumes, perdeu todo encanto poético: converteu-se, quase, em simples mercadoria sexual.

Por outro lado, o dinheiro entronizou-se no centro da civilização moderna. O capitalismo contribuiu poderosamente para produzir a infinita desolação da sociedade moderna. A desenfreada e cartaginezia «caça ao ouro» transformou as almas em planuras secas, áridas, estêreis; o exausto e decaído homem moderno absorve-se inteiramente na fornalha dos negócios, na febril atividade de acumular e, em mutar dinheiro, de amontoar dinheiro, de transferir dinheiro do bolso dos outros para o seu próprio...

No plano de inteligência, um sapiente cepticismo, um intelectualismo superficial e vazio, uma frívola metafísica constituem os ácidos que dissolvem as nossas almas, embaciando a estética da vida, anulando a sensibilidade subjetiva, abolindo a fantasia espiritual da existência.

Tais são, em breve resumo, as causas e argumentos que geralmente se invocam para apontar a falência do senso poético na atualidade. Temos, no entanto, a saudade e a fraqueza de levantar nossa voz para hostilizar essa errônea e generalizada opinião. Asseveramos, sem temor e com firmeza, que a poesia não morreu, que ainda há fontes inesgotáveis de poesia no mundo moderno, torrentes de lirismo jorrando na alma contemporânea. É inexata, é falsa a vigência dessa propalada «crise de poesia»: o que há, isso sim, é uma aguda «crise de poetas».

Quase não há poetas, mas há poesia. O romantismo é eterno. É eterno o amor romântico. O coração humano, ainda e sempre, pulsa e pulsará sob o adorável império de Eros; ondas quentes de ternura jorram sem cessar das fibras mais sensíveis dessa viscera cruenta e palpitante. Ainda existem gestos nobres, ações ternas, paixões puras, atitudes elevadas, apêlos desinteressados, amizades sinceras e admiráveis. Há ainda, na vastíssima dimensão do mundo, para felicidade nossa, mares de ternura, golfos de simpatia e lealdade, oceanos de bondade, rios de piedade e compaixão. Há delicadeza, há pureza, há renúncia, há perdão, há fraternidade na face da terra. Como há, também, corações feridos, corações partidos, corações dilacerados, solitários e aflitos; há coração sem tormentos, corações em desespero, sangrando sob as punhaladas da Dor...

Sim, a poesia não morreu, como geralmente se supõe: sua linha sutil e cristalina ainda serpeia e murmura grácilmente por todos os cantos e recantos da vida moderna, do palácio do rico à choupana do pobre.

No coração do homem ainda palpita a eternecida simpatia pelos que sofrem, pelos que choram; ainda viceja cálida e comovida afeição pelos humilhados e ofendidos... A mulher ainda é a grande e amorosa inspiradora do homem. O sonho ainda não morreu, nem morrerá jamais. Ainda hoje se morre e se mata por amor...

Crise de poesia, não; crise de poetas...

A luz da nossa casa

Em São Paulo numerosos chefes de família procuraram as autoridades policiais para uma suplica embaraçosa: queriam que o Estado onipotente impedisse o ingresso de suas filhas menores nos bares noturnos conhecidos como "infernhinhos". As garotas não obedeciam às intimações paternas: não se amedrontavam com as ameaças de castigos, nem se deixavam convencer pela doçura e pelo bom-senso dos conselhos dados em momentos de absoluto controle de nervos. Era a subversão da ordem familiar: a revolta dos anjos. Só vendo como ficavam ferozes — quando acuadas — as senvergonhinhas crescidas demais para umas palmadas no lugar clássico das correções e mulheres de bicos para uma surra pedagógica sem discriminações anatômicas — lept! lept!... "e se sair não volte mais, considere-se órfã, e não pronuncie mais o meu nome e o de sua mãe!" Como gatas, seus olhos ganhavam fulgor à medida que a escuridão descia sobre a cidade. Como borboletas noturnas, a luz artificial as atraía e lhes dava o mesmo desejo cego de se desgraçarem luminosamente. Crianças crescidas demais para um retorno à Carochinha: mulheres ainda incompletas para um ingresso no melodrama mexicano. De longe, vendo-as de costas à espera da condução, pareciam piscapiscas da cintura para baixo, apaga-acende, acende-apaga, como vagalumes eletrificados pelo instinto:

— Estão irreconhecíveis, senhor delegado. A impressão que temos é a de encontrarmos uma ninhada de cascavéis no pombal onde havíamos deixado pouco antes algumas pombas imaculadas e meigas. Não querem nem fingir pureza, não nos querem conceder nem o conforto da sua própria hipocrisia, como se desse muito trabalho fingir pudor, como se durante as longas horas de um dia não encontrassem modo de pecar deixando-nos a ilusão da sua candura. A noite — senhor delegado — é infinita e martirizante para um pai que espera uma filha ainda menor, em cujo rosto foi descobrindo dia a dia as marcas crescentes da depravação. A nédoa da nicotina: o branco dos olhos amarelado pelo álcool: a mancha roxa de um beijo de vampiro: um arranhão da briga por ciúmes ou em defesa da última virgindade no automatismo precário da moral armazenada na infância. Nós, pais, temos os pensamentos na frente das nossas filhas: a própria descoberta dos seus desejos carnaais, pelos homens que serão infalivelmente os seus maridos, nos surpreende e nos amargura como se a natureza tivesse assumido conosco, apenas conosco, o compromisso de burlar suas leis vitais. Pode imaginar a nossa dor, pela madrugada a dentro, os ouvidos concentrados no ruído de um automóvel — oh, a risada apunhalante dos homens que nos devolvem as nossas filhas

poluídas! — depois o estalo da mola da fechadura e o inútil, o ilógico, o pueril caminhar na ponta dos pés, astutamente descalçados? Imaginou a nossa terrível alegria de vermos que volta viva das suas aventuras noturnas a garota inexperiente cuja perdição estamos chorando? O desejo de corrermos ao seu encontro, de vermos se há lágrimas nos seus olhos, se os homens não as brutalizaram, se lhes deram comida em troca do prazer recebido, e — isto é horrível, senhor delegado! — se tomaram precauções contra os males venéreos e a gravidez inconfessável? Sim, imaginou alguma vez esse martírio que nasce de uma moderada suspeita — "ela talvez tenha um namorado boêmio" — e vai crescendo e aceitando tudo, a prostituição inclusive, em troca da emoção de vê-la voltar viva e de descobri-la no rosto, durante o sono fora de horas, um vestígio da antiga inocência; ou depois, durante a conversa cautelosa, um riso de fêmea satisfeita? Aquêle rebaixamento amoroso que acaba levando um pai a trocar todo seu brio e todo seu sistema moral pela certeza de que dentro da noite os monstros ainda deixaram na sua filha a alegria de viver e a mesma impaciência pela aparição das primeiras estrelas? Senhor delegado: ponha soldados de baioneta-calada nas portas. A insônia consumiu nossas últimas resistências: não suportamos mais o sofrimento. Aos nossos olhos elas começam a fazer um ano cada dia: voltam envelhecidas das suas noites; trazem para casa uma linguagem realista e madura que nunca falamos: surgem como hóspedes da sua própria família e — através do telefone — despejam na nossa intimidade um mundo de cuja existência jamais tivemos a menor suspeita. E' preciso impedir que, de repente, elas nos desconheçam, e, desconhecendo-nos, se considerem órfãs ou bastardas, e por causa disso não voltem mais para a nossa companhia.

As vezes, quando elas acordam e nos surpreendem contemplando-lhes o rosto, espantam-se como se voltando à casa ébrias tivessem trocado o número do apartamento. E' horrível aquela análise das nossas feições: revelam um distanciamento que conduzirá fatalmente à dispersão. E nós não queremos separar-nos delas, está ouvindo, senhor delegado? Queremos que vivam conosco sua vida precoce cheia de alegrias e de dores, de ilusões e de decepções precipitadas.

Se não podemos conduzi-las pela mão, ensinando-lhes a contornar os abismos que em nossa caminhada deixamos assinalados, queremos deixar-lhes uma luz acesa dentro da noite que, breve, os abajures dos seus bares não mais iluminarão — a luz da casa da gente, aquela luz que se enxerga de qualquer ponto da terra, haja névoa sobre a cidade, ou apenas neblina em nossos olhos...

HENRIQUE PONGETTI

Sôbre o mais belo dos Poetas

UBIRAJARA ROCHA

NAQUELE tempo, em que tive a imorredoura e incomparável ventura de morar á beira-mar, quedava-me na praia, sózinho e pensativo, durante horas perdidas e esquecidas, contemplando o mar imenso e esmeraldino, evocando sem descanso a morte de Shelley...

A morte de Shelley... Mais que a de Byron, que imolou sua vida aos mais caros ideais de liberdade, admiro a morte dramática de Shelley, o sublime poeta do mar, o mais belo poeta do mundo. Escutando o doce marulho das ondas, que enrolavam e se desenrolavam sem cessar, desmanchando-se em rendas de espumas e vindo carinhosamente lamber os meus pés nús, lembrava pezarosamente os pormenores daquela morte tão trágica e tão romântica nos braços do colossal gigante líquido, que arfava diante de meus olhos.

O adorável cinzelador das «Adonais», considerada a «maior das elegias inglesas», e cujo rosto era «belo demais» (tão belo que o pintor McCredy desistiu de pintá-lo), foi tragado pelas vagas raivosas do mar, durante uma terrível noite de tempestade, precisamente a 8 de julho de 1822, na baía de Spezzia, nas cercanias de Leghorn. Sua morte impressionante esmagou e despedaçou o coração da fiel Mary, a amiga idolatrada do poeta, a querida esposa de seu coração. Coração que, segundo a singela inscrição pôsta mais tarde em seu túmulo, simbolizava o «coração dos corações». Cor cordium.

Shelley e seu amigo Williams singravam arrojadamente as águas revoltas do mar no Ariel, pequeno barco a vela. O cadáver do poeta admirável foi encontrado no dia seguinte, já semi-devorado pelos abúctres; sómente foi reconhecido e identificado pelos devotos amigos, porque trazia ainda nos bolsos um volume de Sofocles e outros de Keats. Keats, de quem algum dia falaremos, poeta que Shelley tanto amava e que era outro mártir na nervosa inquietação da alma, outro ser que vivia na azs da mais negra melancolia, sofrendo e chorando até pela simples queda da fôlha de uma árvore).

A morte de Shelley, como a de Byron em Missolonghi, fez parar o coração do universo!

Shelley era a poesia personificada. Ele era a mais viva e fascinadora encarnação da emoção estética. A brevíssima dimensão de sua vida — ainda era um rapazinho in bérbe quando morreu — representa a «guerra da poesia com os fatos». Sua sensibilidade subjetiva era infinita: «todo êle vibrava de alma». É sabido que o sofrimento é o dote de creaturas assim e Shelley não fazia exceção à regra geral: sofria patéticamente, com aguda e prolongada intensidade. Escreveu êle no «Julian»: «Eu, que sou como um nervo sôbre o qual se enrolam as insentidas opressões dêste mundo». Seus desejos, suas aspirações, seus sentimentos ideais eram simplesmente sublimes. Prégava com entusiasmo a implantação na terra do «estado natural», de Rousseau, ambicionando ardentemente a igualdade de tôdas as mulheres; estacando para sempre as fontes de tôdas as misérias que povoam e infelicitam o mundo. O estudo da historia causava-lhe funda repulsa, porque nas páginas desta sómente vislumbrava uma sinistra enumeração de carnificinas e sangrentos acontecimentos, dos quais urgia desviar os olhos com horror.

«Ninguém foi de modo mais completo e exclusivo o que na realidade é o poeta. Corporificava tudo quanto a poesia quer dizer». Assim se exprime Will Durant, um dos seus mais cálidos e enterpecidos biógrafos.

Sim, não nos enganamos nisto, sem Shelley a condição moral e intelectual do mundo hoje seria outra, seria muito menos bela, muito menos digna e brilhante. Shelley é, sem duvida, um dos mais puros e culminantes momentos morais e estéticos da humanidade. Aldous Huxley, seu compatriota, não tem razão: êle não foi um «misto de fada e lesma branca», lesma etérea e volante, apenas polpa e sumo branco, cheio de um muco viscoso e sem sangue... Shelley é o eterno adolescente da poesia elegíaca mundial.

...e parte em algazarras e desordens.
...antenha sua decência, sua dignidade.
...cidadão. - Pense na honrabilidade
...ais, de sua esposa, de seus filhos.
...romova arruaças e gritarias noturnas,
...e, perturbando o sono e o repouso
...ar no dia seguinte. -
...ral, mantenha o respeito próprio
...ívicos. Não incentive difamações e
...u semelhante. -
...alheia é índice de má educação e

Polícia de Itapeva **COMUNICADO**

...nunca ande armado. O homem arma-
...mento de irreflexão, a pegar muitos
...vidente. Não crie para você mesmo
...s anos de vergonha e sofrimento.
...o. Confie sempre na ação das au-
...de tudo farão por você e pela defe-

...dice de falta de civilização. É con-
...da e punida pela lei. Evite os dis-
...um processo criminal.

COMUNICADO

Prezado leitor.- Si Você participar de festas, bailes, passeios públicos, si Você estiver em cinemas, teatros e em outros locais de reuniões sociais, não se esqueça: Porte-se como um cavalheiro.- Respeite, sempre, o lugar ou o ambiente onde Você estiver. Proteja os mais fracos. Use de cortezia e gentileza para com as crianças e pessoas idosas.- Não perturbe a tranquilidade das senhoras e senhoritas com inconveniências e grosserias.-

Lembre-se: Agindo, sempre, dessa forma, Você pôde estar certo que será estimado por todos.- Você provará que é um cidadão educado, mostrando que reside numa cidade culta e adiantada.-

Delegacia de Polícia de Itapeva **COMUNICADO**

Prezado leitor.- Tenha cuidado:- Não entre em aglomerações de povo. Si o fizer, mantenha o paletó fechado e muita atenção. «Batedores de carteiras» podem estar à sua espreita, esperando a primeira oportunidade para subtrair as economias que Você traz no bolso.

Tenha, sempre, os mesmos cuidados nas ruas, nos cinemas, nos templos lotados de gente, nas estações rodoviárias e ferroviárias, nas procissões, nos comícios, nos festejos públicos, etc. Todos esses pontos e locais, conhecidos pelo nome de «pungueadouros», são os escolhidos pelos punguistas e «batedores de carteiras».

SOCIAIS

Meditação Social

"PAZ," hoje, uma semana que estou vivendo no ambiente campestre, na adorável simplicidade arcádica. Respiro o ar oxigenado e puro da fazenda, vivo com dedicação nestes plácidos lagos de calma. E componho meditações rurais acerca da vida, do mundo, do destino.

Alheio às confidências mas mergulhado na doçura cinzenta da tarde, penso. Acendo as tochas interiores do pensamento. Solto os pombos da imaginação. E, enquanto escrevo estas linhas, lá fora os nubes da paz, gênios benignos envolvem os seres e as coisas, fluando na pureza elísea do ar.

Medito na trágica e profunda dimensão do destino humano. Penso no vasto mundo com seus rumores estranhos, com suas multidões anônimas e sem rosto. Re-fli-to sobre as cidades, as grandes cidades pululantes de vidas, de luzes e ilusões coloridas, de vertigens, paixões e lutas vãs. Lá, existe o grito rouco e gutural do ódio, e a voz de terror dos condenados sobre para a cúpula fria dos céus impassíveis. Lá, as almas espumam de orgulho, a sociedade está gangrenada até o coração, enquanto que aqui, na solidão dos campos, os lábios se movem cheios de palavras e amor e se abrem na curva de um afável sorriso.

Aqui, as moças são amorosas e simples e têm o doce olhar banhado de ternura; há um suave colorido de rosa em suas faces sadias; seus lábios são vermelhos como o coração e neles dormem beijos que boca alguma jamais prendeu; seus olhos vertem a noite e seus cabelos, desatados em graciosa desordem, enastam-se de flores.

Aqui, as almas são livres e descuidadas e esmaltadas de consoladora serenidade e compreensão. Os sorrisos de Deus iluminam os lábios das madrugadas, e são divinamente belos os risos dos relâmpagos, a sobrancelha do arco-íris e as noites enfeitadas de estrelas.

Aqui, tudo é tão claro, tão limpo, tão puro, tão sereno: que a vida parece tão fácil de se viver. Uma espuma de felicidade banha o céu, da alma, envolta numa nuvem de poesia. E seria mesmo tão bom, tão bom morrer aqui, com a alma repleta de alegrias puras e perfeitas, com a música do paraíso a invadir-nos o coração:...

Penso nos dramas e desditas que, dia a dia, se desenrolam nas cidades do mundo... Ali, as curvas da vida são dolorosas. A infância é abandonada e quase nunca se pode ouvir o gorgear das tenras bocas ondeando na interjeição divina: mãe... Os crimes são mais espantosos do que o ódio. O trabalhador chama-se operário e vive nas axilas da vida, nos subúrbios da existência, porque os seus salários são vis. As dores são tão miseráveis co-

mo as vestes com que se cobrem os párias. As câimbras da fome são o folgado trágico desses homens sombrios. Existem muitas bocas famintas, mas escasseia o pão negro da miséria para elas. Velhos e enfermos morrem em doloroso desamparo, descalços, nus, andrajosos, tristes como os pássaros do deserto. Mulheres grávidas tiritam como cachorros sem abrigo sob as longas noites de frio e chuva. O amor chama-se sensualidade. Um hálito podre e envenenado circula no ar. Um ardor louco e fatal crispa as almas e transvia os corações. O vício campeia. A prostituição cresce, cresce... E lágrimas rolam, rolam...

A Cidade Moderna é uma vasta necrópole de consciências. É um grande, um enorme, um imenso campo de batalha. Em seu seio, todos prosperam, mas ninguém progride. A maioria das almas é sórdida, charra, crassa. Ali, os homens puros não tem história. Não há o mistério da compaixão. Nem a doçura samaritana da caridade cristã. As únicas preocupações são o lucro e o gozo. Todos vivem encadeados ao poste do sofrimento. Não o direito de viver, mas a mera possibilidade de viver.

Nessas cidades imensas, o poeta, o artista é apenas o historiador dos vencidos. As mentes sutis e os corações elevados são arrastados na vaga negra de todos os despotismos. Passa incompreendida a mariposa divina da alma artística. Como que pedindo perdão de existir, o esteta é, ali, como o verso desprendido de uma estrófe, forçado a viver sem pouco nem repouso pelos caminhos da dor, divinamente descontente, misterioso e infeliz.

A maioria das criaturas ali vive como moscardos sobre um monturo. É comum ter-se a consciência embaciada, pesada de culpas e remorsos. Os jornais vivem a noticiar os males e os estragos causados pela paixão fanática do mal. Os corvos brancos da volúpia pousam ou adejam em todas as almas. Os dedos curvos da ambição subjugam e tiranizam todos os espíritos. O verme corrosivo da luxúria carcome todos os nervos. Um rugido vasto e surdo como que despedaçando os corações espessamente oprimidos dos humilhados e ofendidos. O som pungido e caivo da impotência e da angústia dilacera as almas exaustas e humilhadas. A ululação convulsa e selvagem das paixões ignóbeis abafa os gritos da consciência vibrante de dor, afoga os brados da consciência revoltada e indignada. E roucas maldições, profundas explosões de desespero inenarrável fendem os espaços indiferentes.

Vãmente os homens puros se rebaixam para levantar esses infelizes. Debalde as almas excel-sas se agacham para erguer e redimir esses desherdados da sorte,

pa
ge
circ
lítica
lista e
como ó
local.

Deixando
pos-gradua-
ria, sendo hoje u-
mentos da classe. N-
lista do Comércio
atuação é das mais e

Atual presidente da
do Asilo de Mendicidade
sistência Vicentina, foi
seus abnegados fundadore,
trata com toda a devoção
rinho.

Neste dia de festas para a
família e íntimos, levamos-lhe a
saudações da «tenda árabe».

esses delictos sociais. São des-
troços trágicos boiando no imen-
so oceano de dor do mundo.

No pântano da Cidade Mo-
derna todos os altos sonhos da
alma são como que proibidos
pelo céu. O que prevalece são
os mais miseráveis motivos de
conduta. A infame, a torpe bur-
guesia apatacada corrompe, azi-
nhava, apupa e mutila não só
as intenções, mas todos os gestos
nobres e generosos. A maneira
da tremelga, a ironia social pica
e paraliza quem dela se aproxima...

A sinceridade obriga-nos a con-
fessar que tudo o que acima foi
dito sobre a Cidade Moderna
ainda não é toda a verdade, mas
apenas o rumor da verdade.

— Quem terá a pretensão de
descrever todos os males que o
homem causa ao homem?

UBIRAJARA ROCHA

NATALICIOS

FAZEM ANOS:

HOJE: Senhoras F.

Niero, esposa do sr.
Ivete Leal Figueira
sr. Geraldo Figueira
Maria José de Figueira
esposa do sr.
tino de S.
Senhor
politico
M.
sr.
d.

DATA

PLACA

H O R A
Partida
Chegada

Conductor

SOCIAIS

ALEGRIA E AMARGURA DENTRO DA NOITE

LEMBRO-ME muito bem da última vez que avistei o estranho e enigmático cavalheiro que ontem pôz termo à existência, alojando cuidadosamente uma bala de revólver no coração.

Recordo-me de que ele tomava uma bebida qualquer, no salão de festas do Clube, durante o baile. E recordo-me, ainda, de que, enquanto ele bebia, sua esposa dansava...

Sim, sua jovem esposa, sua formosa esposa dansava, enquanto ele bebia...

Eu podia examiná-lo perfeitamente bem, do ponto onde me encontrava no salão de festas do Clube.

A cena intrigava, a cena era chocante e singular. O estranho personagem, que ninguém ali dava mostras de conhecer, parecia meditar maduramente sobre alguma coisa muito íntima, muito pessoal, muito secreta e sagrada. Engolfava-se em cogitação prolongada, penteando distraidamente o bigode com a ponta das unhas. Era um tipo distante, esquisito, austera e silencioso, com um rosto misto de Buda e Calígula, astralmente alheio aos detalhes próximos e imediatos do mundo material. — «Ali estava por certo um sujeito que daria um excelente secretário de conspiração» — refleti eu, enquanto focalizava seu vulto mudo e sombrio. Dava idéias, ainda, bem nítidas, de um perfeito discípulo de Pitágoras...

Os ruidos efêmeros e borbulhantes do baile, as pulsações musicais da orquestra não logravam arrancá-lo das orgias silenciosas da meditação. Dir-se-ia levado numa nuvem de tristeza, carregado numa aza de melancolia. Seus olhos eram frios e apagados, com algo de fenecido boiando em sua tristeza, dando um aspecto de doença e abandono. Todo ele transmitia a penosa impressão de quedar-se, infortunoso e desamparado, escutando as vozes surdas que vinham de suas criptas interiores. Parecia transportado a um universo não euclidiano, a um mundo desconhecido e vago, a um planeta de fantasia.

Sendo ainda moco, a vida se encarrilhava de endurecer-lhe as sinhas do rosto magro e fino; a máscara da face era pálida, gas-

ta e mesmo misteriosa, mormente quando sorria o seu sutil e indefinível sorriso a Sodoma.

Sujeito verdadeiramente preocupante... Com certeza odiava a pobre árida planície da realidade; naturalmente já estava cansado de bater continuamente sobre os fatos os martelos da dúvida. E — quem sabe — sofrer fosse a única coisa que ele poderia fazer.

Enquanto bebia e meditava, sua jovem e encantadora esposa dansava... Dansava, porque, talvez, não fosse nenhuma gata de sacristia, nenhuma beleza de missa, a despeito de não ser, também, nenhuma marréca de salão. Dansava, provavelmente, porque era moça moderna, porque era mulher divertida, esportiva, vivendo quimicamente bem com a frivolidade mundana, respirando o oxigênio puro da liberdade e da independência pessoal. Como esposa, talvez desconhecesse a submissão árabe, lembrando-se de esquecer o marido nas horas felizes da vida. As idéias do século impunham-lhe certo olvido do marido — marido que bebia, sozinho e pensativo, penteando vagarosamente o bigode com a ponta das unhas.

Passei então a estudar aquêle sedutor tipo de mulher, tão viva, tão graciosa, tão ávida de viver e saborear a vida do presente. Seria porventura aquela mulher um pântano escondido sob flores? Seria ela Janus, seria «bi-frons», comprazendo-se em fazer girar os moinhos da alma? Fui mais longe em minha análise interior: Teria ela o espírito libertino, enquanto a carne e suas afeições fossem castas? Impossível sabê-lo; somente a bola de cristal não poderia responder...

O baile prosseguia pela noite adentro. Todos dansavam, unidos por comuns arroubos, nos giros e rodopios do baile agradável e banal. Todos sorriam, nos volteios da música, saboreando a vida inquieta e confusa do presente, gozando momentos de prazer nítido, sorvendo instantes de ventura lúcida, bebendo o vinho acidulo e delicioso da sensação.

Mas... a Morte também dansa, oh, sim, a Morte também sabe dansar. — a Morte, essa «donzela pálida, marmorea e fria», es-

data...
indústria...
tante estimativa...
convivência.

Está em festas
Compartilhamos dessa
gria, enviando ao natalmente
sos votos de longa vida e pr
peridades.

sa esquálida e sombria-dançarina
que brinca trágicamente com o
Destino...

FOI HOJE, à tarde, quando
postado à porta de um bar da
cidade, que recebi com espanto
a notícia cruel: o mudo e taciturno
personagem, que sorria o seu
sorriso triste e misterioso,
que sorria o seu sorriso a Sodoma,
escarrára na face do destino,
chicoteára o rosto do destino.
Desfechara um tiro de revólver
no peito, matando-se na
solidão de um quarto de hotel...

Saindo do assombro, em que a
comunicação do suicídio me afundara,
pude ainda filosofar: «De
que vale a força dos anos críticos,
diante das vilanias e das
amargas frustrações da vida? De
que vale possuir uma natureza
positiva e forte, carregar um
coração perseverante e firme,
ter uma alma corajosa e nobre,
si é tão grande, tão implacável,
tão vigorosa e selvagem a impiedade
do mundo?

Nem sempre Deus, a alma
sensível, a bondade abandonam
os seus covis absolutos e abstratos,
para salvar-nos ou redimir-nos
dos males profundos do ressentimento.
Sem o poderoso auxílio do
imponderável e do sobrenatural,
permanecemos sozinhos, de
coração partido, esmagados,
desamparados, empurrados para
a terrível solidão do Nada. E é
assim que talvez morreremos,
que seremos possivelmente
mortos pela inaudita crueldade da
vida, pela ferocidade essencial da
existência.

UBIRAJARA ROCHA

DATA

PLACA

H O R A

Partida

Chegada

Sobre um Casamento Melancólico

UBIRAJARA ROCHA

...Sómente hoje foi que fiquei conhecendo a noiva de Sérgio.

Arrependi-me. Cheguei a aconselhá-lo a adiar o casamento, exortei-o a esperar, a desmanchar ou contemporizar o noivado. Gracejei com ele, na persuasão de que é sempre mais fácil exprimir-se por graças, quando se quer demonstrar alguma coisa; em vão Sérgio replicou, protestou, desviando-se vivamente dos tiros de censura que eu lhe desfechára. Proclamou, em voz alta, quase gritou, com convicção apaixonada, em vigorosa oposição à sua cordura natural, em violento antagonismo com a amenidade de sua índole, que estava amando com lealdade ideal, que amava com extasiado arrebatamento.

Percebi logo que minhas sinceras e desinteressadas admonições fizeram sobre ele o mesmo efeito de uma injúria. Seu casamento - acentuou ele com ênfase - seria realizado brevemente, si Deus quizesse, em março...

Conhecendo hoje a noiva de meu amigo, del-me a pressa em examiná-la com vagar. Não consigo dissimular meu doloroso espanto. Ela deve ter uns dezessete ou dezoito anos de idade. É morena, bonita, «fusse-moço». Faceira, esquisita, caprichosa. Vaidosa e petulante como uma atriz. Nada possui parecido com riqueza, mas seria impróprio sustentar-se que ela descende de família pobre ou plebéia.

Seu nome é Elza. É orfã de mãe, sendo seu pai comerciante.

Bastante moderna, seus hábitos e costumes são muito voluntariosos para constituir-se na companhia dedicada e fiel de um advogado já na casa dos quarenta anos, e, ao que se diz, dono de uma bonita fortuna em terras e dinheiro.

Não sei porque, ao consagrar-me ao estudo minucioso dessa moça, pareceu-me ser ela o que antigamente se denominava «cavadora de ouro. Curiosa lembrança, igualmente, brotou-me ao espírito: recordei-me de uma outra moça, mais ou menos de sua idade, carioca, com a qual travara relações amistosas num baile, em Cruzeiro, e que sempre me dizia:

... Estou louca pra arranjar um «trouxa», pra poder me «virar» por si...

Mentalmente, nas obscuras operações da inteligência, tento traçar o perfil moral, procuro esboçar o retrato psicológico e físico da futura consorte de meu amigo. Dou uns retoques finais ao quadro que já desenhel acima, a encontro-me diante de uma menina simplesmente táfui. Assombrosamente táfui e fátua, exibindo uma beleza um tanto cremosa e florida. Não possuindo densidade moral e intelectual, apenas sabe palestrar a respeito de coisa nenhuma. Quando em sociedade, gosta de caminhar fóra da estrada da conveniência. Trata-se, evidentemente, de um vazio pássaro de sêda, de uma frívola marrequinha de salão.

Boneca cheia de óca futilidade, não esconde sua avidez em conseguir qualquer distinção pessoal. Cretura dotada de espírito superficial, é descurada, preguiçosa, sem matiz algum de ternura amorosa, sem nenhum vestígio de bondade. Torna-se, por vezes, oblíqua, pífida, capciosa, com «silêncios» perigosos, com «ausências» suspeitas...

Ao fim de minhas meticulosas análises, interrogo-me:

Terá ela jeito para ser mãe algum dia? E uma vez sendo mãe, terá dignidade suficiente para dar um conselho?

Não o creio, positivamente. Ela seria esposa e mãe que entretanto, não seria esposa nem mãe. Correria sério risco de ser desprezada, por tentar aparentar, sem êxito, o que manifestamente não era. E tudo o que pretendesse encerrar e ocultar acabaria saltando para fóra...

Diz Sérgio que o casamento será celebrado em março, portanto daqui há apenas dois meses.

Pobre Sérgio. Creio firmemente que esse enlace fará em pedaços a calma e a paz de um homem feliz. Esse matrimônio decididamente não trará nenhum benéfico resultado moral. Sei-o por intuição direta e imediata. Sérgio é um homem-fada, um desses homens cuja existência se mantém sobretudo no plano intelectual e abstrato. É quase inexplicável a sua abismal ignorância das verdades elementares da vida. Ele absolutamente não dispõe de nenhum talento para enfrentar as situações emocionais da vida prática. É um ser exclusivamente feito de cerebralidade e espírito, ao passo que Elza, sua noiva...

Sim, pobre Sérgio. Ele agora está cego, está surdo... Não é capaz de compreender que está preparando arrependimentos para amanhã; não se persuade que irá estrangular a segurança de seu destino; não consegue vislumbrar sequer que irá ser um desolado e vencido mártir da sorte.

Sérgio nada enxerga, em relação ao seu futuro, porque está vivendo na cintilante e colorido cidadela do sonho e da ilusão.

Respira, agora, um universo não-euclidiano, move-se num universo de fantasia. É muito difícil, é quase impossível pretender salvá-lo de si mesmo, ou melhor, alimentar a veleidade de libertá-lo da cruel e doentia fascinação que o arrasta e empolga.

É de crer que ninguém, agora, conseguirá fazê-lo sentar-se sobre os fatos nus da realidade sobre os fatos fundamentais da existência. A idéia de romper o seu extemporâneo noivado, a idéia de não desposar Elza Botelho é-lhe tão indizivelmente chocante e dolorosa, como seria para um cristão a idéia da não existência de Jesus.

Os traidores de seu bem-estar, os plóres inimigos de sua tranquilidade não se encontram no mundo externo; eles residem dentro de seu próprio ser, repousam no interior de sua própria alma. Seus instintos surdos, seus sentimentos cegos apagaram as luzes de sua inteligência crítica. Ele nada mais discerne, nada mais sente senão a fascinante utopia de seu amor harmônico, senão a fatalidade de sua paixão impaciente e obstinada. Ele não pensa, não raciocina, não reflete: ele, apenas, deseja, apenas ama, como o homem paleolítico das cavernas.

Sua máxima preocupação consiste em fazer rimar a sua vida com seus livros de amor idealista. Está totalmente incapacitado de visualizar a qualidade surpreendente, pasmante, das coisas mais óbvias, em matéria de felicidade afetiva. Sua vontade dissolve-se numa onda quente e profunda de ternura, derrama-se numa torrente de lirismo que desperdiça seu tempo, que exaure sua energia.

Sérgio aspira, com sofreguidão, com supremo anêlo, partir no rumo de um infinito utópico. Sua alma enfeiticada e medusada por Maya, a eterna ilusão, nada mais almeja senão engolfar-se na eternidade.

Pobre Sérgio, pobre amigo. Está ambicionando realizar aquilo que jamais se torna realidade...

O Pessimismo é Erro

UBIRAJARA ROCHA

Penso que já se incorporou definitivamente ao rol dos hábitos mentais de muita gente a errada convicção de que o pessimismo é natural, orgânico, possui até raízes fisiológicas, não sendo o seu contrário, o otimismo, senão uma atitude poética e artificial do espírito humano. Afiança-se, a nosso ver sem nenhuma dose de razão, que somos «naturalmente», «organicamente» pessimistas, ao passo que só com esforços da vontade, só de modo deliberado poderemos alimentar comportamento otimista diante dos graves e dolorosos problemas da vida e do mundo. -

Firmados na evidente falsidade dessa proposição, passam alguns pensadores, antigos e modernos, a denegrir a natureza humana, visualizando-a debaixo de uma ótica escura, vislumbrando-a sob as lentes da mais negra e amarga desesperança. -

«A vida não vale a pena de ser vivida» - proclamam essas aves agourelas da infelicidade e de esperança. «A vida é uma correria sem nada no fim» - sentenciam com amargor essas creaturas deploráveis e sinistras, cujo principal objetivo talvez consista em decepcionar e desanimar o galhardo entusiasmo da mocidade, buscando extenuar e apagar a vivacidade e a calor da gente moça. -

O pessimismo, não nos enganamos nisto, traduz o que de mais falso e falho existe mesmo na mais pobre e inferior doutrina de vida, na mais frágil filosofia da existência. - Não há programa de ação que possa ir avante com base no negativismo. Não discutiremos, aqui, por não ser lugar próprio, os sofismas grosseiros, os sofismas perigosos do pessimismo dogmático, elevado à categoria de sistema filosófico. Apenas esboçaremos levíssimas considerações, ligeiríssimas linhas acerca dos profundos males morais e espirituais que essa funesta concepção suscita e acarreta, não só para a nossa visão do mundo e das coisas, como para o «élan» de nossa conduta diária.

Sómente um filosofismo ócio e superficial poderia cultivar a ridícula veleidade de aniquilar a grandeza imanente do ser humano. Embora perpétuamente oscilando num oceano de misérias e fraquezas, o ente humano é ainda um animal decididamente superior, apto e capaz de praticar atos de verdadeira santidade ou de genuíno heroísmo moral. Sua elevada intelectualidade impõe-se

como uma verdade que se palpa; sua esclarecida inteligência tem desvendado amplos horizontes no campo das ciências e das artes; sua indomável energia tem feito o mundo caminhar e progredir sem cessar. Toda a civilização é fruto opímo e exclusivo do esforço e do trabalho humanos. E, do ponto de vista da cultura ética, penetra o homem, com frequência, na heróica esfera da santidade, no perímetro da genialidade moral. -

A despeito de sua indubitável pequenez, justo será reconhecer que, não raro, o homem desempenha papéis sublimes ou francamente admiráveis na cena do mundo. Não excepcionalmente, ultrapassa ele a grandeza e a magestade das próprias forças cósmicas e naturais. - Charles Wagner, fino e encantador moralista francês, que a juventude deverá ler com assiduidade, escreveu excelente página em torno da grandeza e do testemur humano. Alude o distinto professor de otimismo ao náuta que pilota um pequeno barco, em alto mar, em negra e convulsa noite de tempestade. A tormenta rugir e desaba furiosamente sobre o glauco e encapelado oceano, ameaçando tragar e despedaçar a mísera e frágil embarcação, onde navega o intrépido marinheiro solitário. Entrementes, este, depois de arrotar com denodo e valentia dificuldades imensas, depois de impávidamente desafiar a fúria dos elementos amotinados, consegue pôr-se a salvo, distanciando-se da morte e da destruição que pareciam inevitáveis. Assim procedendo, o pequenino ser humano revelou-se sem dúvida, «maior» que a tempestade, «maior» que a natureza, erguendo-se face a face diante do Criador, diante de Deus!

O pessimismo, portanto, seja ele filosófico ou vulgar, leigo ou sistemático, é veiculado de uma falsidade moral. Trata-se de uma teoria, de uma concepção do mundo e do destino inteiramente fria, egoísta, covarde, insensível, desumana. - É mister saber interpretar os fatos pelo seu lado bom, pelo seu lado sadio e racional, porque é sómente assim que a paz haverá de sorrir-nos, coroar-nos a fronte de felicidade, reinando em nossos corações e em todas as nossas empresas. -

É necessário pensar e sentir com otimismo e entusiasmo, agir com as doces alegrias da compreensão cristã, para iluminar de ventura o nosso destino terreno. Ninguém pode negar que somos governados

pelas «interpretações» que fazemos dos seres e das coisas. Pois bem, interpretar com pessimismo os fatos e acontecimentos diários de nossa existência nada mais significa senão previamente condenarmos a nós mesmos às torturas do desespero, às cinzas da morte, à terrível solidão do Nada. -

PLACA

Partida

Chegada

H O R A

Conductor

Residencia

Observação

SOCIAIS

EU VOU PRÁ JOOHOO

EU vou prá Joohoo.

Sim, eu sempre tenho dito que vou prá Joohoo.

Eu não vou para a Dinamarca, eu vou é prá Joohoo. Vou prá Joohoo só para ver Marly, a Moça-Flor.

Longe de Marly, a única coisa viva dentro de mim é a morte.

Marly... Marly é tão branca, tão branca e silenciosa, entre Ivéus esvoaçantes, flutuando no mundo sereno e sem ventos da fantasia... Marly é um sonho de amor, delicioso e puro, — mas que tem medo de amar. Que tem tanto medo de amar...

Medo de amar... Coisas assim não podiam acontecer. Coisas como essas simplesmente não deviam acontecer. Deveriam ser uma impossibilidade absoluta. Medo de amar...

Mas... hoje eu vou prá Joohoo. Vou prá Joohoo só para amar Marly, a Moça-Flor. Só para beijar as mãos sensíveis, as mãos pálidas e espirituais da Moça-Flor.

Empoarei de amor o meu rosto misto de Búda e Calígula. Sei que vou morrer devagarinho sob o meigo e compassivo olhar da Moça-Flor, da Moça-Flor que tem tanto, tanto medo de amar...

Chorarei longamente, longamente, desesperançado e aflito, ô tão desesperançado e aflito, aos pés da Moça-Flor. Beberei nos lábios da vida todos os sofrimentos do mundo, todos os pezares da terra.

Hoje eu vou percorrer as distâncias cor de violeta que me separam de Joohoo. Vou fazer em pedaços os frêmitos de minha angustiada impaciência. Vou prá Joohoo só para falar à Moça-Flor.

Vou prá Joohoo para amar desconsoladamente. Para sofrer. Para fugir. Para gritar. Para chorar. Para chorar, com ares súplices e desamparados, aos pés esbeltos da Moça-Flor.

Nem que o mundo acabe, vou hoje prá Joohoo. Vou prá Joohoo para uma espécie de visita interplanetária.

Em Joohoo, a cidadela da ilusão, vou disparar tiros de censuras sobre a cabeça da humanidade. Vou sentar sobre os fatos nus. Fechado no fundo de meu próprio silêncio, vou beber copos de poesia. Vou sorver taças de lirismo. Vou devorar garrafas de aflição. Vou engolir litros de pesar.

Sei que em Joohoo vou fumar a maconha do desespero, vou aspirar a cocaína do desengano. Vou tragar o licor da existência, tão agitado e tórvo. Bebendo vinho, estudarei didaticamente a composição de minhas máguas. Farei silenciosamente a triangulação de minha desgraça.

Carregarei comigo, na minha viagem a Joohoo, um vagão cheio de cinza e pessimismo. Sei que lá vou mastigar lesmas brancas de tristeza. Bem sei que vou engolir serpentinhas e ampólas de dor. Vou ser mórbidamente acariciado pelos dedos mornos do infortúnio, pelas quentes brisas da desventura.

Com a voz molhada de sentidas lágrimas, lamentarei longamente minha negra sorte, despejarei minhas rumações de anjo chicoteado no seio vicioso de sereias profissionais. De sereias e até de bocas sem sintaxe, eritalhonas e avinhadas, bocas de prostitutas abjetas que possuem amores que entretanto não são amores.

Meu espírito flutuará na serenidade tépida entre o ser e a aniquilação. Sofrer será a única coisa que eu poderei fazer. Sofrer inclinado, debruçado sobre a minha dor — dor pessoal, secreta, sagrada. Caminharei como um anjo morto, tão deprimido e tão cansado, no brilhante paraíso da música.

Vagarei como um triste vagabundo, rolarei como um pobre mártir da sorte pelas ruas lamacentas e sem pudor de Joohoo. Lidarei vivazmente, nessa cidade não-euclidiana, para lembrar-me de esquecer minhas infelicidades. Suportarei na alma lufadas de desgosto, rajadas de angústia. Acenderei tochas de ódio e desdém na escuridão da noite. Sofrerei a agonia clínica dos bares e botiquins mais sórdidos. Passarei a pertencer à «energúmena grei dos ébrios da urbes», como lá diz o poeta infeliz. Aparentarei diabolismos de subúrbio, comerei fragmentos de rã, e achar-me-ei entre os «malditos» de Poe, Baudelaire, De Quincey...

Odiarei a qualidade indizivelmente pasmante das coisas óbvias. Farei justiça aos fatos, protestando em altos brados. E na esquina, ô sim, naquela melancólica e triste esquina de Joohoo, onde conheci a Moça-Flor, comprarei um punhal de aço fino e cintilante.

Comprarei um longo punhal de aço fino e cintilante, agindo com tôdas as precauções de um assassino platônico. Amor e Morte são as duas azas do mesmo pássaro. Amor e Morte...

Hoje eu vou prá Joohoo, nem que o mundo se acabe. (Compreendam, por favor: um homem não pode viver sem coração. Sem coração não há entendimento). E comprarei um lindo punhal de lâmina delgada e fina. Um longo, um bonito punhal de aço refulgente e mordaz. Um punhal capaz de extrair da mina da dor o diamante da fantasia, o sangrento rubim da ficção.

Meus amigos, adeus: Eu vou prá Joohoo. Vou prá Joohoo sentir o horror essencial que brota do chão dos homicídios platônicos. Vou no rumo do infinito utópico...

O amor é suave como o sono, violento como um crime, paciente e implacável como o ódio. Contra ele de nada valem os protéstos da inteligência crítica.

Amor e Morte...

Marly...

UBIRAJARA ROCHA

SOCIAIS

ELOGIO DA FELINA

III

Felina...

Amo as tuas mãos ducais, o narcotismo de teus olhos pestanudos.

Amo o teu côlo de onda, os teus pés nervosos e finos, os teus pés esbeltos e morenos.

Amo a vaga palpação de teus braços ligeiramente penitidos de rosa.

Felina...

Amo-te — porque não és feliz, nunca o foste.

Nunca bebeste o licor da ventura nos lábios da vida.

Tua alma é misteriosa e infeliz, como a de uma pecadora errante.

Embora solitária, tu és um porto aberto a todas as naveas aventureiras do prazer.

Sorris o falso sorriso, o dolorido sorriso das decepcionadas do amor.

Seu coração permanece sepultado em seu eterno isolamento, altivamente indiferente às imolações silenciosas dos que amam com insano e funesto amor.

Felina...

Preciosa e fugitiva espuma de felicidade.

Como as tragédias antigas, inspiras a piedade e o terror.

Despertas o sagrado horror que inspiravam as mulheres fatais da antiguidade.

Tu nos fitas por vizes de um modo tão perspicaz e terrível...

Tua corrupção é profunda e dissimulada, quase imaterial. Nunca foste banal como um mistério resolvido, cotidiana como um enigma decifrado.

Como a arte, estás acima da vida, além de todo o Bem e de todo o Mal.

Tens em ti os despojos de um poeta morto na mocidade.

Felina...

Tu és a vaga creatura pernicioso, a sereia que habita fantásticamente as profundezas da paixão.

Teu ódio e teu amor são terríveis como o Juízo Final.

— Felina, mata-me...

Mata-me...

UBIRAJARÁ ROCHA

SOCIAIS

AVENTURAS EM SOHO

VISITO, em Soho, os seus hotéis e pensões de fantasia. As casas das ilusões, bem, estas ficam nos subúrbios...

Dhália Gris chegou aqui, ontem. Veio linda como sempre, fina e delgada. Veio dando a impressão de uma rapariga esbelta dançando nos areais da aristocracia.

Percorrendo as ruas cinzentas de Soho, choro sózinho, comendo grandes fatias de solidão, bebendo grandes côpos do turvo licor do abandono.

Cansado de subir e descer as ruas de Soho, abro a janela de meu quarto. Contemplo longamente o céu puríssimo. O céu profundo, onde milhares de estrelas cintilam, frias e indiferentes, dormindo em minhas camas óticas.

Leio o bilhete que o hoteleiro me entregou. Dhália Gris foi ao baile. Dhália Gris foi dançar no clube de Soho. Ela foi dançar naquele clube cosmopolita, estragando sua divina, garrulice, escutando os pífios galanteios de um tenente de infantaria. Nos braços deste ou daquele valdevinos, ela irá engolindo lentamente toda a minha vida — a vida do amigo pobre e fiel, do amigo pálido e triste.

Sim, minha tristeza agora é a alegria de Dhália Gris. Sim, to que seus pés ligeiros pisam forte em meu coração. Seus pés palpitantes e morenos machucam as flores que amorosamente plantei em meu coração.

Cismas brancas enrolam minhas pálpebras fatigadas, onde as lágrimas já vão batendo em retirada. Escrevo ao meu amor, ouvindo serenamente a voz flexível e ondulante do saxofone longinquo:

— Bela, minha vida, Você seria capaz de dar esta noite um tiro em meu coração? Dois tiros de bondade no peito do amigo triste e humilde?

Envio um envelope repleto de meigas carícias ao baile azul e negro de Soho, para atapatar a ventura de minha única amiga. Ela há de compreender que meu coração é a sua estrada, a estrada onde ela conduz as caravanas de suas graciosas levandades. A estrada palmilhada pelos beduinos de seus frívolos e deliciosos caprichos.

Morrerei, talvez, esta noite de desespero. Si morrer, comprarei nos bazares do céu a mais rica corbeille de hévoas para coroar os cabelos de Bela, para perfumar os sussurantes e voadores cabelos de Dhália Gris. Isso hei de fazer, debaixo das ciúmosas angústias dos anjos, sôltas e perdidas nas amplitudes cósmicas...

Não, não ficarei mais aqui. Partirei, amanhã, de Soho, para esquecer essa história de tenente de infantaria. Dhália Gris ficará por aqui, comendo rosas e papoulas, até a chegada da desolação do mundo.

Amanhã, bem cedo, tomarei um litro de whiskey, e logo mais estarei voando no onibus que vai a Capetown. Durante a viagem, pedirei a Dhália Gris que compre uma açucena para mandar à filha do vizir...

Quanto a mim, irei de tróle, sózinho, pela estrada de Emaús...

ações

Ontem à noite, ao regressar para casa, passei com meus passos distraídos, defronte a um elegante clube recreativo, onde a galharda e viçosa mocidade de hoje dansava e se divertia ao som da música de «jazz». Fui seguindo despreocupadamente e sem pressa o meu caminho, meditando sobre a rispida e acre multidão de protestos que comulgava e naturalmente a maioria dos críticos sociais costuma levantar contra o que se denomina de — «licenças da juventude moderna».

Caminhando lentamente pela rua afôra, gozava o romântico prazer de escutar, ao longe, a longínqua, a flexível voz ondulante do saxofone, que flutuava com leveza dentro do silêncio da noite limpa e estrelada. A essa amena musicalidade esmaecida misturava-se a poderosa pulsação da vida, mesclavam-se os risos claros e saudáveis da mocidade em flor.

Considero elaboradamente injustas as duras reprimendas, as severas invectivas que actualmente se erguem contra as gerações novas, máxime no que diz respeito às moças. Não se justifica essa cruel e acerba condenação ao que não passa de simples rajadas de júbilo, de meras lufadas de entusiasmo juvenil. Vitupérios tão formais e precipitados são frutos exclusivos de uma austeridade estreita e excessiva, clássico apanágio da gente velha ou envelhecida. A moça da actualidade (não nos referimos à bizarra e extravagante «eddy girl» moderna, possui uma vitalidade invejável, e esportiva, é agradável e elástica. São absolutamente estimáveis os seus vivos e graciosos movimentos. Não só borboleteia desenvoltamente pelas ruas da cidade, exibindo penteados revolucionários, com os olhos quase vendados por óculos escuros e o corpo sumariamente vestido, mas carrega igualmente a seriedade da jovem estudante, frequentando e assimilando os cursos dos nossos liceus, ginásios e universidades.

São supinamente ridículos os esforços e as tentativas, paradoxais e espermódicas, do que se tem chamado «regeneração da mulher» — A moça moderna possui coragem, posse, arte e constância, é intrépida, projeta-se com facilidade em toda parte, brilha, «sabe aparecer», move-se com desenvoltura maravilhosa por todos os cantos e recantos da sociedade. Ela é cortês, é gentil, é vivaz e encantadora. Naturalmente, sem deixar de amar tudo o que é vivo, belo, decente, consegue emparelhar-se frequentemente com o seu «doce inimigo» do sexo forte, caminhando lado a lado com ele pelos ásperos caminhos da vida e do mundo.

Dito isto, perguntamos: Que mal há nisso tudo? Nenhum, evidentemente, a não ser para a «moça incorrigível malícia mundana».

A moça moderna agrada justamente porque é feita de corajosa independência pessoal e porque soube abolir a servidão de certos preconceitos tolos do passado. Ela gorgoeja naturalmente as belas canções de sua alma. Sua companhia encanta arêja o espírito, põem-nos à vontade para as mais su-

gestivas confabulações, para as mais interessantes experiências e aprendizados. Seduz-nos quando avança para o futuro, velozmente, como o automobilista lançado na réta da estrada. Ela é, sem dúvida, a «femme sédative», de que falam os poetas e romancistas contemporâneos.

A jovem moderna é viva e ágil como o pagilista nu sobre o tablado. É inteligente, sensível, brilhante, sempre ousada e risonha, sedutora na sua esplêndida liberdade de animal sadio. Ela ama sem hipocrisia, sabe dar seu coração como qualquer mulher do passado também o faria si acaso pudesse libertar-se dos falsos pudores que a mantinham. O amor da moça moderna é «total», porque sua alma foi varrida e limpa pela psiquiatria. Antigamente, a mulher amava de modo parcial e defeituoso, amava com um amor como que canhoto, quasi infantil, porque era constantemente atrapalhada pelo calor de complexos com que a sociedade cingia a sua alma e o seu corpo. Com raras exceções, podemos afirmar que a mulher antiga era medrosa e inépta, vivia sonhando nos braços da timidez e das mais absurdas convenções sociais e morais.

De modo geral, a mulher passadista vivia e morria arrendendo como chama solitária... Apenas lhe era possível saborear efusões atenienses, isto é, delírios amorosos muito íntimos e muito pessoais, desejos e prazeres muito tímidos e muito platónicos. Seu intelecto, por vêzes, era bastante livre, mas, do ponto de vista emocional, era geralmente escravo. A vida e os costumes possibilitavam-lhe, apenas, flutuar no mundo sereno e sem ventos da fantasia.

Padecia as crueldades da velha e morta moda romântica: era forçada a ser poeticamente desgraçada. Semelhava-se a um bebé desesperadamente pueril, agonizantemente melancólico e cáctico, afogando-se em suas pobres tentativas crispadas de ternura positiva. Seu coração dissolvia-se na doçura de carícias puramente ideais, puramente imaginativas e enervantes.

Não, não sejamos injustos ou severos demais para com a brava Eva moderna: esta é incomparavelmente superior à Eva que conhecemos em nossos distantes anos verdes. Com a supressão, apenas, de alguns excessos detestáveis, evitando-se, é claro, a sensualidade cínica da «vamp», da «flapper», da «play-girl», teremos encontrado na mulher moderna a companheira ideal para as nossas duras jornadas de sonhos e realizações pelas estradas da vida.

A mulher moderna, assim compreendida, é a mais bela flor nascida na trágica dimensão do destino.

DATA
PLACA
Partida
Chegada

H O R A

Conductor

Residencia

Observações

N.º

Registro de Bicycletas

SOCIAIS

Dhalia Gris Ou O Sonho Triste Do Deserto

nductor

CARPIR aviltações inexprimíveis, padecer estoicamente e com passividade muçulmana, sob os palores do luar morto do deserto, é o destino do que morreu enamorado de Dhalia Gris.

O amor que devotei a Dhalia Gris era proibido pelo céu. Esse amor cavou profundos givazes em minha fisionomia moral. E perdendo-o, perdi-me também...

O implacável chicóte do Destino destruiu aquela afabilidade encantadora. Não suportei: morri de dor e desespero. Mas aqui, no coração da morte, ainda evoco com ternura aquêles lindíssimos olhos cor de sonho.

Bela era o meu viatico. A palavra Bela é tão bela que nos lábios se transformam em flores no pronunciá-la. Adorei-a, já no dilúculo da existência, no plenilúcio da vida; amei-a tarde demais, já na fimbria do horizonte misterioso e vago de meus dias.

Amo-a, ainda aqui, no seio da Eternidade, onde encontro piedade para os meus erros, compaixão para os meus crimes e meus feios pecados. Mesmo aqui, na Índia misteriosa e sinistra da Morte, Bela avulta com seu corpo coberto de sorrisos de tule, sugestões de tafetá e malícias de sêda.

Dhalia Gris palpita, suspira sob o flutuante albornoz do sonho, do sonho mais mosárabe do deserto. Ela caminha, quase voa, com delicadeza infinita, pelos floridos jardins do Eden.

Libélulas, anjos, vates, espadachins, colibris, garças selvagens, sofrem, lutam para arrebatá-la a pureza moral. Serafins batallham para conquistar-lhe a formosura intelectual.

No castelo sombrio de minha alma soffro o meu imenso desespero silencioso e sem remédio. Dhalia Gris agora não me compreende, porque vivo além da fronteira das palavras. Agora nada mais sou do que um ser impellido por ventos desconhecidos. Vivo entre duas escuridões, perdido no patético do não-ser, muito longe dos rapsódos das rosas e jasmims...

Dhalia Gris agora está muito longe. Muito longe...

Estou de passagem para a Índia, no onibus que voa para Calcutá. Já estou ouvindo os gemidos dos gnomo e demônios, misturados ao áspero flabellar dos coqueiros do deserto...

Nunca mais ouvirei o gorgolejar argentino das fontes perlágicas!...

UBIRAJARA ROCHA

SOCIAIS

ELOGIO DA FELINA

Felina...

Todos os olhos te seguem como servos amorosos.

Porque tu és a caça passando a caçadora.

Um pequeno animal ondulante e sensual.

Gata amorosa leda e lesta.

Rola pecadora e fraca, impura e doce.

Lépida gazela de olhos fasciantes.

Aquíl corça de fascinação astuta e satânica.

Traçoira serpente de quentes coléios.

Carnosa e núbil orquídea de trefegos almejos.

Esquiva dansarina de tornozelos nervosos.

Anjo de crueldade fria e implacável.

Demonio de raciocínio deduzido e fatal.

Sinuosa sereia de maldade inconcistente e assassina.

Graciosa-carcereira das almas...

Felina...

Pelo tenue franjado de tuas pestanas longas e curvas estiam os teus olhos cor de pecado, os teus olhos negros e acariciantes e sedosos como a tua basta como voadora.

Tua boca é uma polpa sangrenta e insaciável como a morte.

Tua boca tem a frescura sumarenta das frutas maduras.

Tua voz é argentina e suave como o luar que alucina e enlouquece.

Desejos ardentes fulguram na negrura sarracena de tua pupila mobil e cintilante.

Em tuas artérias afoqueadas brilha o sol de teu sangue fervente e tropical.

Do fluído azeitoso de teus olhos escapam flamas devorantes, nascem chispas magnéticas.

Felina...

Tentadora tentada pela tentação de tentar.

Tâmara venenosa e sumarenta.

Pomo feito de carne e sangue.

Loba acariciadora e instintiva.

Teu corpo enxuto e aveludado tem a frescura dos pomares.

A sedução irremediável e matadora de teu corpo flexuoso fascina a alma tímida e adolescente do poeta.

Felina...

Tu és o sexo tragico.

Tu és o feitiço.

Tu és uma bela fatalidade!...

UBIRAJARA ROCHA

Antigamente as polícias como que permaneciam perpêlhas diante do crime. Não existia uma metodologia científica da prova indiciária. A inteligência crítica do homem não funcionava com toda a sua força diante do fenómeno criminal. Os organismos policiais deslanchavam na área ou no território dos sistemas de Fouché, nos quais havia apenas o casamento da astúcia e da crueldade...

Predominavam o «faro», o «palpite», o grosseiro javertismo, despidos de qualquer vestígio de preparação lógica ou racional.

Mas felizmente, passaram os ominosos tempos do policial empírico, do policial olfativo. Criaram-se por fim as mais variadas técnicas e processos de investigação criminal, que evoluem e se aperfeiçoam sem cessar. Desenvolveram-se cursos intensivos e escolas especializadas para estudo e desenvolvimento dos crimes. Cristalizou-se o «direito administrativo policial», já ensinado nas faculdades jurídicas. O chamado «crime perfeito» ainda existe, é verdade, mas por culpa da natural falibilidade humana e também devido a uma «polícia imperfeita».

Todavia, o fato fundamental é que a inteligência humana passou a exercer domínio na esfera da pesquisa policial. A inteligência passou a ser realmente o que é, no terreno da policologia: um aparelho ou máquina de resolver problemas.

Esse órgão interno — a inteligência, — com seus esquemas de raciocínio, com seus planos operacionais, com seus interrogatórios de base, enfrentam e aniquilam na maioria das vezes os mais intrincados e perplexivos enigmas da problemática penal. E daí o que vemos é o incessante pulular de fatos e resultados maravilhosos irrompidos no campo da criminalística, levando os mais temíveis facinorosos e malfetores à barra do tribunal.

Não se olvide, entretanto, que os crimes podem ser resolvidos de outras maneiras imprevisíveis e inesperadas, fora do alcance e dos métodos de trabalho intelectual e lógico.

Nesse leque de possibilidades objetivas, é possível incluir-se a participação do acaso, ou seja, um encadeamento de circunstâncias fortuitas, estranhas à temática racional da investigação.

Outro fator vigoroso, de índole psicológica, é a verdade — uma verdade patológica, que assalta a psique de certa classe ou categoria de delinquentes, — contribuindo decisivamente para a elucidação do drama criminal.

Pode-se, ainda, falar de uma poderosa atividade interna, profunda, central, misteriosa, que constitui uma espécie de policial anímico, de policial subjetivo. Esse fator abstrato é o que os psicólogos dão o nome de — «remorso».

O remorso e seu misterioso dinamismo tem sido acuradamente estudado por todos os pesquisadores da alma humana.

Ele representa elemento de incontestável valor para o policial moderno. Por via desse fantasma psíquico, profundo, o delinquente sai da sombra, emerge da obscuridade em que se via envolto e irrompe à luz dos fatos e da realidade,

correndo ansioso e arrependido, em busca das expliações legais. Trata-se de um fenómeno interessante, de gênese impalpável e desconhecida, o qual impõe o transgressor da lei a confessar a sua falta e o seu crime, dominado por um impulso irresistível a espontâneo de purificar-se, de salvar-se...

O remorso funciona quase como a validade criminosa: apresenta um mecanismo psicológico igualmente poderoso e surpreendente, como um «élan» misterioso e incoercível, intimamente ligado e associado à consciência individual. O remorso, quando reprimido, é um estado de alma permanente, torturando dia e noite o paciente, terminando por levá-lo às portas da justiça. Sobre ele tracemos algumas considerações de superfície, frutos de nossas leituras esparsas e de nossa experiência de modesto aprendiz da ciência policial.

Não passe inobservado que certos criminosos escapam à merecida punição, porque não se arrependem, porque são portadores de completa insensibilidade moral. São indivíduos moralmente análgicos, não sentem, não experimentam em suas consciências os tormentos do remorso.

O remorso, fenómeno psicológico normal na alma do ser humano comum, não fere nem punge a consciência de certo tipo de delinquentes, jamais trazendo-lhes à memória a tragédia do crime que cometeram. Esse sutil e complexo sentimento, que tanto tortura e aflige a psique do chamado «homo typicus» ou destinatário ideal da norma penal, traduz, segundo Levy Bruhl, o desejo e a esperança do castigo, fixando inconsoavelmente o espírito na evocação do mal cometido. (Cfr. Lições de responsabilidade, p.89.)

Aflança Herbert Spencer que o sentimento de remorso é espontâneo e vivaz, dele somente podendo escapar os homens inteiramente brutais. (Cfr. «Princípios da Psychologie».)

O remorso, ou «sensação de culpa» (Schuldgefühl), dos psicanalistas, funciona como o nervo, o músculo do que se poderá denominar a «mecânica do arrependimento». É ele, o remorso, que põe em movimento a função catártica da confissão. A dialética do remorso evidencia que ele, geralmente, culmina na confissão do delito, na «catharsis libertadora, no desejo de auto-punição, e, até, em casos extremos, no impulso mais ou menos irreprimível de auto-destruição (suicídio, auticídio). O sofrimento moral carpidido pelo paciente é tão vivaz e profundo, tão íntimo e central que ele inclina-se ao auticídio, pende à completa aniquilação da materialidade de sua natureza específica. A perturbação da consciência moral do criminoso é tão profunda que pode levá-lo à loucura, à perda da razão.

Assim sendo, o remorso testemunha a profundidade interior do homem, bem como assinala sua fraqueza e sua nudez.

Ele prepara o caminho trágico do sofrimento, que nas palavras de Berdiaeff, nos lúcidos comentários que construiu sobre o maior metafísico de Rússia, — «resgata o crime e consome o mal». O mal é interno, ontológico, não exterior e social. «Pois não se expia o

mal por um castigo exterior mas pelas consequências inevitáveis que ele traz em si». A lei que pune o criminoso só é símbolo de seu destino interior. Porquanto tudo o que é exterior serve de símbolo ao que é interior. Os tormentos de sua consciência são mais temíveis para o homem que a severidade de todas as leis do Estado; e, torturado pelos remorsos, ele espera o castigo como um alívio às suas torturas morais. Não há nenhuma medida comum entre a lei do Estado, deste «monstro severo», e a alma do homem.

Em suma, é a própria alma que procura o gládio que possui o Estado e se submete aos seus golpes. O mal é inseparável do sofrimento, e deve chegar à expliação. As angústias da consciência e o arrependimento, agindo nas profundezas externas da alma, desvendam o vontade criminal do homem, ainda mesmo que essa vontade não tenha passado ao ato. Assim, o próprio crime latente, invisível, engendra o remorso e o desejo de expliação. A consciência humana é, aqui, mais impiedosa que a lei civil na sua frieza; ela exige mais do homem. O homem é imortal, o homem possui um destino eterno; o homem produto passivo no seu ambiente natural e social. A criatura mais descaída possui imagem e semelhança divinas. O homem que mata outro homem, mata-se a si mesmo. O homem deve ser afastado do crime, não pelo medo do castigo, mas pelo fato de sua própria natureza eterna que se desmente no crime. Natureza essa, imortal, cuja expressão é a consciência humana.

A consciência é o órgão do conhecimento. O sofrimento é a consequência do mal. Mas só pelo sofrimento o mal se consome. — Tal, com síntese cruelmente abreviada, é o resumo das geniais revelações encontradas, não na psicologia, mas na «pneumatologia» do maior artista literário da Rússia, de autoria de Nicolai Berdiaeff. («O Espírito de Dos-

toievski», Rio, pgs. 106-134).

Não passe despercebido, no entanto, como já acentuamos em linhas precedentes, que o remorso não funciona em todos os casos de interesse penal. Salienta muito bem Garofalo que o remorso somente exerce seu profundo dinamismo psicológico nos espíritos não depravados, medrando apenas na alma das criaturas acessíveis aos sentimentos morais.

Sintetizando, é permitindo afirmar que, via de regra, permanece fora da influência sanadora ou purificadora de remorso a maioria dos delinquentes profissionais, ou criminosos habituais, ou malfetores empedernidos na senda do crime. Incluem-se, entre os que de modo invencível avezaram-se ao crime, os incorrigíveis, os instintivos, os facinorosos, os perversos, os irredutíveis. São, todos, seres anormais, doentes. O próprio Calim experimentou pesadelo cruel do remorso, a tremenda angústia interior do remorso, segundo relata o capítulo IV do Gênesis. A leitura deste trecho famoso da Bíblia revela-nos que Calim não conseguia esquecer o hediondo e inominável assassino de seu dócil e laborioso irmão Abel, caindo por fim no arrependimento mais atroz, afundando-se no mais negro desespero.

SOCIAIS

conductor

Um moralista passeia no distrito

LEVANTEI-ME, hoje, disposto a gozar momentos lilases, horas azuis.

Nôto que há um baile de pirilampus e jasmims na paisagem côr de cinza. Vejo que Dhalia Gris chegou ao prado verdejante e proibido.

Vou voar, nas asas da manhã. — Vou esquecer minhas cobças prepotentes, e sorrir com os enlevos de um anjo ébrio. — Vou ter delírios de criança tímida e sem pudor.

Contemplo demoradamente, como um deus, as pastagens sócias. Vejo Dhalia Gris passar, tranquilamente, ao lado de lesmas e vermes de chapéu e gravata.

Nesta manhã rósea e fresca há açucenas de ternura em meu coração. Em meu peito borbúlia um rio rubro de paixão. Anjos declamam Verlaine, em surdina, em minha alma.

Dhalia Gris chegou, apertou-me a mão, languida e pensativa, com os cabelos enfeitados de papoulas. Nas curvas sutis de seus lábios pendia o lírio do beijo.

Apalpo minhas idéias, sondo o mistério da alma, examino o doce abismo da mágoa.

Adormeço — e sonho. Observo que poetas loucos e de mãos pálidas e nervosas colhem flores nos jardins de Teeran. Mas, ao longe, realiza-se sagrada cerimonia no pagode chinês.

A solenidade era pomposa. A dansarina nua ondulava lascivamente na tepidez da penumbra azulada. Dhalia Gris, sentada ao meu lado, fitava-lhe, com demorado e indefinido langor, os movimentos ofídicos. Voltou, depois, para mim, e disse-me com sotaque aramaico:

— O Zulú, polkiloterno, não é?...?

Respondi-lhe, meio vexado:

— O foliolo de sensitiva, naturalmente...

Sentia-me vago e indeterminado como um filósofo perplexo. Suspirei, enquanto minha doce amiga sorria para o seu íntimo sucesso plateal.

De repente, fiquei vasio e leve como uma bolha de gaz. Olhei a vida nos olhos, e nos olhos da vida vi a morte.

Gritei e fugi, pisando lesmas e jasmims. Nunca mais voltarei ao Ceylão, nem sonharei com débeis e congeladas metatris volas. Apenas chorarei, ferido e sózinho, dentro da noite negra, beijando os pés de imagens insensíveis...

UBIRAJARA ROCHA

ELOGIO DA FELINA

II

Felina...

Visão esquiva e nebulosa.

Tu és esbelta e provocante, angélica e tenebrosa, frívola e voluptuosa.

Tu és o mais belo sonho que a imaginação pode tocar com sua aza.

Tu és quase uma angústia climática.

Tu és uma formosa loucura.

Tu és uma sublime falsidade.

Tu és o атаude de fogo da paixão.

Felina...

Alada flor humana!

Tuas formas elásticas e donosas dansam a tarantela da demência.

Pequena abelha de ouro vibrante e incerta.

Decerto quem te ensinou a dansar foi Terpsicore. Com certeza dansaste desde o momento em que aprendeste a ficar de pé.

Teus lábios são vermelhos como o coração.

Teus lábios, como as borboletas, são petalas vivas.

Teus olhos brilham como os de uma criança tímida e sem pudor.

Teus olhos brilham como a radiância de joias feições.

Teus olhos vertem a noite...

Felina...

Mulher palpitada, mulher desejada, mulher amada com volúpias de poeta lírico.

A mariposa divina de tua alma respira na neblina luminosa do sonho.

Tua alma fragil e complexa é o objeto de nossos apaixonados anseios de sexo e amor.

Tu és mais insondável que a noite e o desejo.

Tu és débil e gentil envólucro de teu corpo cáldo e palpitante dormem melodias divinamente loucas e divinamente cadenciosas.

Tua beleza imperial humilha o mesmo céu puro pincelado de nuvens róseas.

Felina...

Amo-te com um profundo e perfeito e extasiado amor.

Adoro as tuas atitudes de pomba meio adormecida.

Amo insanamente o teu encanto voluptuoso e nu.

Amo a tua languidez perlácia e a tua graça ofídica e ondulosa.

Amo as tuas vivacidades de andorinha vaporosa e efêmera. Amo o teu desgarré petulante, o langor muçulmano de tuas pupilas escurecidas pelas cismas.

Felina...

Tu és a morte!

UBIRAJARA ROCHA

FÔLHAS SÔLTAS...

Dhália Gris



(Xilogravura de Tebaldo)

Vou a Joo Hoo.
Sempre tenho dito que vou a Joo-Hoo.

Vou a Joo-Hoo em busca de Dhália Gris.

Quero ir a Joo-Hoo porque ontem à tarde morri.

Morri quando os lábios de Dhália Gris ondearam na inequívoca mensagem, cujo teor esqueci...

A dócil beleza de Bela, a Dhália Gris, fulgiu na tristeza morna da tarde gris.

Com um timbre de sino soterrado nas cinzas da amargura, meu coração parou...

Sim, morri ontem à tarde.

Dhália Gris, meu coração jorrou sangue eternamente. Morri juntamente com a tarde que morria.

Um navio sombrio vai levar-me dentro da noite negra. Para Joo-Hoo, onde não há violinos, nem copos de poesia, nem rosas, nem tiros e nevoeiros, nem soluços de anjos, nem bimbalar de sinos festivos.

E-tu perto, tão longe de Dhália Gris. Posso até ouvir-lhe a pulsação do pensamento. Mas, um hífen de imensa distância separa aquele que ontem morreu na madre-pérola da tarde gris...

.....
Eu sempre tenho dito que vou a Joo-Hoo.

UBIRAJARA ROCHA

A Encantadora Alma Antiga

UBIBAJARA ROCHA

Partida
Chegada

EMINENTES conhecedores da história antiga, brilhantes pesquisadores da antiguidade clássica costumam aludir, com expressões de vibrante simpatia, ao sublime povo grego. O mesmo eloquente louvor é endereçado ao povo romano, ao denominado "povo rei", cujos gestos lentos e displicentes, cujos movimentos e atitudes admiráveis são exaltados com vivacidade e calor.

Todos os estudiosos e investigadores se referem, com erudito enternecimento, à leveza da alma helênica, à finura do espírito ático, à nobreza da elegância romana. Todos põem em relevo a formosura da alma antiga, da encantadora alma pagã.

Mas... seria mesmo assim, na realidade, essa alma tão bela, tão fina, tão nobre, tão encantadora? Temos nossas dúvidas a respeito...

Sócrates, o mais sábio e prudente dos homens, foi condenado à morte pela fria crueldade de seus concidadãos, que lhe imputaram a prática de um crime frívolo e puramente imaginário. A risonha e benévola sabedoria da Grécia não vacilava em cobrir a mulher (que é talvez a maior e melhor porção da humanidade sensível), com o manto do desprezo e da humilhação: a mulher grega não passava de uma hárpia ignorante e temerosa, vivendo quase toda a sua vida encerrada no gineceu. Em Roma, o suicídio de Petrónio fornece-nos um exemplo impressionante e particularmente expressivo da maldade lúcida e positiva que reinava naqueles turvos e recuados tempos.

Para não citarmos o quadro trágico, que é o brutal assassinato de César, nem pousarmos o olhar sobre os negros horrores da escravidão romana, evoque-mos apenas uma cena banal, comezinha, do Coliseu:

— No anfiteatro imenso, a turba brutal ulula, e se agita, frenética e selvagem. Uma vertigem de louco regosijo perpassa pelos mil braços de uma massa compacta e rugidora, percorre e estremece o Circo colossal.

Lá em baixo, na arena, os gladiadores iniciam a luta terrível, o combate atroz.

A multidão imensa ruge, err. estrepitoso alarido, acompanhando as fases da peleja sangrenta com uma insensibilidade monstruosa.

O tempo vai passando. A multidão continua gritando e gesticulando, com seus mil braços e com suas mil cabeças, mas... na arena o gladiador entra em agonia...

— Esta é uma simples amostra da encantadora alma antiga, da doce e suave alma pagã...

Dito isto, podemos facilmente deduzir o seguinte: É que não devemos fiar-nos nas aparências enganosas, frutos da imaginação dos historiadores, antigos e modernos. Não devemos mal dizer, por outro lado, com tanta veemência, as tristes misérias da alma moderna, nem descrer com tanto pessimismo das vivências e possibilidades da alma contemporânea.

A humanidade, embora ainda afundada na lama das torpezas e iniquidades de toda ordem, flutua sob o império de uma ética nitidamente superior a dos gregos e romanos: a ética imortal de Jesus, a filosofia perene da Igreja.

E preciso que saibam os enamorados da alma clássica que o cristianismo é, sem a menor dúvida, o primeiro e mais límpido albor da natureza divina do homem, e que, antes dele, somente trévas bailavam sobre a face da terra.

Não nos enganemos nisto: antes de Cristo, apenas podridão havia na «encantadora» alma antiga...

SOCIAIS

Folha de Bicycletas

EVOCAÇÃO NAS RUAS DE CISNEROS

Inductor

CAE a tarde.

Desce a noite.

Estou perplexo : não sei si vou partir para Santiago ou para Luanda. Enquanto reflito, enquanto decido qual o destino que hei dar aos meus sonhos viajeiros, caminho descuradamente pelas ruas sujas de Cisneros.

Minhalma caminha ao lado da alma de Bela.

Dentro do coração da noite, longe da agonia cínica dos bares, caminho lentamente pelas praias sossegadas da memória. Esqueço, por uns instantes, minhas amarguras e aflições. Passo a escrever o nome de Bela no liso muro do silêncio. E um rio de ternura inunda-me o peito.

Evoco tão lúcidamente a face, o corpo, a voz, o andar de Bela.

Evoco limpidamente a sua face coberta pela doce palidez da paixão.

Evoco, deslumbrado, a pureza e a brandura de seu coração de sêda, a graça de seus níveis pés palpitantes.

Bela ainda desperta em mim as emoções de uma paixão puríssima. Ela é o cândido volátil do amor, o meigo volátil do amor. Sua alma sonha e estremece, pálida e muda, por entre effluvíos de nardos e jasmims, por entre vagas de aromas.

Mui de leve sobre as brumas e as ondas del mar desliza sua alma de ave carinhosa e tranquila.

Bela, senhores, é absurdamente bela.

Suas doces falas lisongeiças dominaram minha natureza machucada e sombria. Sua mimosa silhueta adoece o vale de melancolia, onde carpo a vivíssima dor do desengano.

Caminhando devagar pelas escuras ruas cosmopolitas de Cisneros, carrego comigo, no espirito, o corpo languido e fino de Bela. Acaricio amorosamente sua pele de âmbar. Ouço nitidamente o timbre musical de sua voz — voz macia, voz branca, voz fluida como um voo de pássaro na claridade da manhã.

Beijo com angústia, beijo com desesperação, nas ruas africanas de Cisneros, os lábios de cereja da minha longínqua amiga.

Sim, bem sei que em Cisneros ou em Santiago ou em Luanda, em Teheran ou nas Antilhas, sempre, sempre hei de amar Bela, a Dhalia Gris do meu paraíso íntimo.

Mas... agora sei para onde vou. Decido-me afinal. A certeza faz-me abandonar meu ar distraído e vago. Aíto longe meu desdenhoso cigarro policial perdido ao lábio. — Parirei amanhã bem cedo para Sidney...

Vou para Sidney com minhas malas cheias do sorriso e do olhar de Bela, e com meu coração ensopado de lágrimas e tristezas infinitas.

Vou telegrafar... Mas quando Bela chegar na Austrália, eu seguramente já estarei navegando no Mar Negro da Morte...

UBIRAJARA ROCHA

A FOLHA

vações

SOCIAIS

DHALIA GRIS VAI A PEQUIM

DHALIA GRIS possui a inconsciente garridice das flores. Ela possui imaginação ardente e delicada, e é irradiante de naturalidade e graça.

Dhalia Gris vive medusada pela miragem das viagens às paragens desconhecidas.

Nos devaneios de seu coração, sofre e sonha em sítios e regiões que nunca viu nem verá jamais.

E ontem ela partiu... Partiu com ela. Irei sofrer e sorrir com ela, nas ribas afortunadas do Oriente.

Fugimos do frio e mesquinho deserto moral da vida. Fugimos das horas de secura, dos dias de aridez do cotidiano. Levantamos nosso ardente protesto contra a existência rude e vulgar, contra tudo o que é mediocre e banal. Vamos, agora, nadar em pleno sonho, longe do mundo grosseiro dos fatos.

Sim, cheios de candura, de inocência e de amor, saltaremos e voaremos, alegres como dois passarinhos, pelas terras fumacentas da Ásia.

Os anjos e seus flautins celestes seguem-nos, oferecendo-nos rosas nos minutos que morrem... Gozaremos as preciosas experiências dos instantes harmoniosos.

Vamos sorver, avidamente, a ventura nos lábios da vida.

Vamos esquecer a lúgubre procissão dos trappos. Amaremos as noites ensaboadas de luar; a cimitarra da lua será nossa madrinha — a pálida madrinha de nossos doces crimes afetivos, de nossas brandas violências de amor.

Para nós, agora, todas as coisas irão brilhar e soar. Cumpriremos todos os nossos móveis e inconstantes itinerários.

Deixaremos de ser os tremulos discípulos do tédio. E a incompreensão não partirá o cristal de nossos corações. Logo mais chegaremos a Pequim...

UBIRAJARA ROCHA

SOCIAIS

A MOÇA QUE MORREU ONTEM

O QUE eu mais amava na môça que morreu ontem era a parte nobre e alada de seu espirito, era a graça e a vivacidade de sua intelligência. Trabalhada pelo perseverante cinzel da vida com a alma dominada por uma lealdade ideal, trazia no sorriso um altaneiro desprêso pelas desilusões.

Sim, a môça que morreu ontem fazia parte da primavera humana. Ela sempre sorria dos meus tristes e inevitáveis encontros com a Dúvida. Zombava de minha bulhosa volubilidade e da indolente frivolidade de meu espirito.

Morrendo, ela teve um supremo desenlace de serenidade e amor. Realizou, por assim dizer, com vestes flutuantes, o seu gracioso impulso para o voo... Mostrou-nos a face grave e misteriosa das cousas.

Gostava muito de viajar e sonhar, de contemplar as amarguras do pensamento humano. A educação de sua intelligência fôra lenta e tenaz, e seu espirito formara-se sob uma bela orientação moral.

Admirava a beleza intelectual das cousas lógicas. Possuía uma impaciente avidez de luzes, um espiritualismo delicado e profundo.

Casou cedo. Cumpriu o seu destino de ente racional, adotando um raro e singular estilo de vida, criando uma verdadeira estética da conduta.

Fato estranho: o marido odiou-a... Aquêlê ser mesquinho não pôde compreender o sorriso da vida, a felicidade que tinha em casa, a seu lado. Espirito tacanho, vestido com a áspera capa do utilitarismo, inimigo das contemplações ideais, perdido numa atividade definitivamente material, creatura semelhante a um mercador fenício — é sômente digno de sofrer a mais viva condenação moral.

É totalmente impossível compreender a attitude do marido da môça que morreu ontem. Não posso vê-lo: tôda sua existência consiste em partir as tibias do sonho, em quebrar as pernas da ilusão. — Almoça e janta um prato de fatos crus...

AGORA, ouçam-me, senhores: Eu amei a môça que morreu ontem. Amei aquella revoada canora de pássaros gentis. Amei aquella creatura adorável e misteriosa.

Ela era o sonho mais belo dêste peregrino fatigado e sem ventura. — Por isso, chorei na tarde triste de sua morte, com a alma açoitada pelos ventos cansados. Falei com as sombras da saudade, conversei com os hospedes sutis de meu coração.

Quando ela morreu, a luz vacilou, quase esfumou-se em meus olhos sem côr e sem esperança.

Muitos foram os que acompanharam à última morada aquella que possuía o dominio das formas graciosas. Não levavam, creio, nenhum intimo sentimento de piedade ou benevolência. Caminhavam lentamente, conduzindo meros caprichos de multidão sêca e fria, vácuo moral do deserto, nenhum espirito de poesia, nada que amasse as cousas leves e preciosas...

Finalmente, na solidão de meu quarto, leio e releio as cartas que ela me escrevera em vida. Vejo-me, então, no naufrágio de tôdas as minhas idealidades. Agora, apenas poderei voar nas asas de meus livros. Restam-me, agora, apenas as horas sem luz do desalento. Minha vida afetiva vai entrar em silenciosa decomposição.

Mergulho no reino da noite, na solidão do deserto, que impedem todo sonho de paz. Sômente poderei possuir o amor da dissolução, o amor do nada...

Morri com a môça que morreu ontem...

UBIRAJARA ROCHA

Sua arte é um sorriso de beleza florindo na vida opaca e monótona de todos os dias.

Tebaldo não é um mero organizador de ruínas desnecessárias. Ele é um artista sério e lúcido, perfeitamente consciente de sua arte admirável. A pintura é para ele uma prece.

É um artista de pensamento harmonioso, que compreende e louva a superioridade moral do infortúnio. Que experimenta inquietação pelo mistério que envolve o destino. A doçura pálida e triste, que traz no semblante carregado de cismas, reflete a serenidade de sua alma compassiva e superior.

Não desfruta, em sua tranquila vida particular, da medíocre felicidade do comum dos mortais. É um esteta esculpido e modelado pela Dor. Sua vida é um puro e límpido comentário às sábias e generosas palavras de Anatole France: «Os seres felizes não sabem grande coisa da vida. A dor é a grande educadora dos homens. É ela que lhes ensina as artes, a poesia e a moral; ela que inspira o heroísmo e a piedade; é ela que dá o preço à existência, permitindo que esta seja oferecida em sacrifício; é ela, augusta e boa, que põe o infinito no amor».

Assim, o artista sofre com tranquilidade sorridente. E a ele é possível aplicar-se o formoso verso de Sófocles: «Nasci para repartir o amor e não o ódio».

Tebaldo traça, na sombra, com suas mãos imaginosas, belos quadros, que ocultam harmonias profundas. Seu espírito sinuoso e ondulante vive em busca das verdades altas e puras. Sua sensibilidade move-se na esfera da sensação pura: a desinteressada contemplação do belo.

Possue, já, inúmeros amigos e admiradores. A polidez de seus hábitos, a doçura de seu espírito, a discreta e meiga simpatia pela beleza e pela harmonia conquistam seguramente as almas, destruindo elegantemente as arestas e asperezas que costumam separar e dividir as criaturas.

Seu espírito encerra uma força nítida e misteriosa, um dócil e cativo raio de luz que ilumina e encanta. A encantadora amenidade de sua índole emociona e conquista aloda os espíritos rudes e comuns, as inteligências foscas e mesquinhãs, os corações duros e pesados.

Tebaldo é feito de uma simplicidade peregrina. Os louvores e os elogios que se lhe fazem com justiça provocam-lhe fundos ferimentos na modéstia espontânea e natural.

Agora, no remate destas pobres e insípidas linhas, rogo ao primoroso artista contrerrâneo perdoar-me os desatavios de linguagem. Bem sei que minha pálida interpretação crítica não vai além do vão esforço de minha inquietude espiritual. Acompanhei, aqui, tão-somente, a multidão rósea de meus pensamentos vadios. Pensamentos que têm a eterna mobilidade das nuvens...



Ubirajara Rocha

Re

Sobre a ideal beleza de bela

EXPERIMENTO hoje inconfidável voçário de verbalizar páldio panegírico de Bela, a virgem que amo com um amor que sómente Deus sabe como é grande, nobre e puro.

Sim, senhores, Bela evitou a decomposição de minha personalidade moral. (Deus fita-me pelos ombros quando isto escrevo). Bela suavizou os meus tormentos neuróticos, os tormentos que padeco e carrego desde o distante alvorecer de minha escura existência terrena.

A vida de Bela é um poema de graça e harmonia. Sua existência é uma adorável chimerice na plenitude e sublimidade dimensão da minha vida.

Lembro-me que, quando a conheci, eu assistia aos funerais de minhas ilusões. Bela então vivificou o pobre argonauta do sonho, o desiludido gonfaloneiro da esperança, já inclinado pelo demônio a levar uma vida de banditismo moral.

Bela deslumbra minha pupila esteticista, fascina minha visão emotiva. Ela é uma pérola flutuando num cálice de néctar.

Minha vida era um cardo prestes a ser assassinado pelos pés da maldade humana. Bela entretanto evitou o grito de imortalizar desespero que solitaria meu coração apanalhado pela dor. Ela impediu que eu fosse devorado ou esfacelado pelo cão feroz do desespero.

Antes que meus olhos páldios e cansados pousassem em Bela, a misantropia trucidada em meu ser qualquer intenção de salvamento moral e intelectual. Arrastava-me pela vida, péssima, como um ferido no campo de batalha. Caminhava cego, cheio de fadiga, rolando pelo mundo com a letargia de um oleo denso, quase inutilizado para a vida do espírito.

Ao depois, passei a respirar na castidade do azul, do azul da poesia e do encantamento espiritual. Minha vida tornou-se de ser um objetivo, como a relação da terra; minha vida cessou de ser inútil, como o curso das estrelas. Meus caminhos, na humana existência, deixaram de ser empedrados como os da Calcedônia...

Agora, posso morrer... Já posso mergulhar no cobalto elementar do espaço. Já posso ser um escafandro da Eternidade, um bandeante do Alim, e distinguir-me para sempre das serpes do ódio e da malevolência humana.

Bela — eis a minha estrada de Damasco...

UBIRAJARA ROCHA

O R A

Chegada

SENHORES morri ontem à tarde...

Morri quando a luminosidade dos olhos de Dhalia Gris ficou obscurecida por uma cisma prolongada e cruel. Desfaleci e morri, quando os lábios de Dhalia Gris ondearam crispados na mensagem cujas palavras não quero, não quero recordar...

A dócil beleza de Dhalia Gris fulgurou um instante no meu ângulo visual, cintilou na tristeza cor de cinza da tarde morna. Meu coração estalou dentro de meu peito, reventou de dor e desespero, com um timbre noturno de sino soterrado.

Morri. Cerraram-se para sempre minhas palpebras fatigadas, minhas pupilas de sonhador desenganado. Agora meu coração jorrará sangue eternamente... E não mais se incendiará como um paiol de entusiasmo lírico, não mais será a morada ideal da mais sublime concepção de amor.

Morri juntamente com a tarde que morria. Um navio sinistro levou-me como uma alga dentro da noite negra e sem luzes do amargor. Navio sombrio, lento, vagaroso, que me carregou para uma Índia misteriosa e longínqua, onde não há violinos, nem cantos de pássaros, nem cigarras, nem rosas chorando aromas...

Vou navegando para a Índia do Alem, para a Índia da Eternidade, onde não há tiros de neveiros, nem soluços de anjos, nem florescências petrificadas, nem bimbalhar de sinos natalinos.

Agora, sim, estou tão perto, tão longe de Dhalia Gris... Sem poder toca-la, ouço-lhe até o doce pulsar do pensamento dentro da mente. Um imenso e pequenino hífen separa de Dhalia Gris o que ontem morreu na madreperla da tarde gris.

Agora, apenas afundado nas trévas da distância, terei o direito de contemplar a maviosa filomela de Deus. Meu destino será vagar, quase louco, por entre as colunas de fumaça dos mundos siderais, pronunciando, gritando o belo nome de Bela, a Dhalia Gris.

Aquelas palavras... Palavras que ferem como pedradas, palavras que matam como facadas... Lembro-me que, antes de morrer, Bela trazia champagne nos gestos melódicos; em seu vestido de raras passamanarias havia gorgalhadas de tule e risos de tafetá.

Agora, aqui, do outro lado da vida, posso contemplar esse angelical pássaro de sêda, esse suavíssimo eolhim terreno, martirizado na gaiola de ferro da convenção social. Prisioneira da morte, talvez fenececerá nos estranhos caminhos do mundo, triste e envelhecida, sem nenhuma saudade do amigo morto, do pobre amigo que ontem morreu nas explosões de azul e ouro da tarde meiga.

Acredito que, um dia, apertarei as mãos de Bela nas ternas amplitudes da Índia. Bela, um dia, sem dúvida, também embarcará para a Índia, tão cheia de horas lílizes, povoada de serpes colantes, repleta de terror, inundada de gritos de pavor ecoando perdidos dentro da noite...

Sim, sei que Dhalia Gris um dia partirá para a Índia, e irá comigo dos gorilas do pavor, dos Orangos de Bornéu. Dhalia Gris, a mais bela construção dos engenheiros celestes, sonhava ali o seu sonho mais lindo, serenamente adormecida nas trévas, nas milenares mãos de Deus!...

UBIRAJARA ROCHA

SOCIAIS

RETRATO DE POO-SEE

CONHECI Poo-See em Makololo, à margem esquerda do Zambese.

Jámais esquecerei o deslumbramento daquêlê instante divino, perdido no silêncio verde da mata africana. E embora não fosse um viciado do artificial, como sou hoje, reconheço que vivi então dias nus.

O corpo de Poo-See, à semelhança de tudo na natureza, era feito de cones e esfêras. Trago ainda comigo, em minha memória de pobre, camaleão da Tunísia, a imagem fulgurante e passional daquela creatura sensual e misteriosa.

Poo-See foi, talvez, a maior emoção pessoal de minha vida. Antes de conhecê-la, eu não vivia; olhava a vida com um olhar de sono. Eu abria para tudo o bocão do sono.

Poo-See iluminou minha alma ferida, meu coração machucado, meu coração dolorido, — meu coração que é uma rosa de cinza.

E' bem certo que morri para as alegrias da vida, mas não perdi a memória de haver sido. Por isso, escreverei sonhadamente sôbre essa estranha pérola dos mares da alma.

Poo-See era absurdamente bela. Possuía pupiles quentes, tinha sempre um riso molhado na boca coralina. Falava a linguagem da flor, e seus olhos eram vivas opalas.

Quando ela passava, desmaiavam flores nos jardins.

Sua voz era suave, era branca, fluida como um voo de pomba. Seu corpo cor de mel possuía uma graça aérea e musical, musical, inspirando paixões desesperadas. Seu talhe era fino, delgado, nervoso como o das palmeiras de Joo-hoo.

Poo-See tinha a indolência das gatas. Seus olhos sonhavam amorosamente sob o tenue franjado das pestanas. Seu olhar era morno, brilhando sob uma charpa de névoas.

Seus olhos eram impossíveis de serem esquecidos, uma vez vistos. Eram olhos tentadores assassinos, semeadores de sonhos e apaixonadas angústias.

Seu côlo pulsava e ondeava venenosamente em seu corpo apumado e poroso. Muito longe estava ela das virgens de beleza pálida e fanada, das belezas cloróticas, das belezas de missa.

Poo-See era uma pomba meiga e voluptuosa. Era a letal bailarina de meu cataclisma moral. Feiticeira cruel, filha do sonho e do capricho. Ela prendia, ela possuía filosofias de carcereira. Prendia com as algemas douradas no amor, amor que em mim se transformará numa sublime obsessão.

Nada era mais sublime e delicioso do que aspirar o odor de sândalo e benjoim, que trespallava de seu corpo flexoso. Em sua boca havia eflúvios de nardos e cravos. Em seus lábios flutuavam vagas de aromas.

Sua boca tinha a frescura sumarenta das frutas maduras. Seu beijo tinha a frescura dos pomares.

Seus lábios lembravam a polpa de uma cereja madura. Ao sorrir, sua boca parecia uma romã rachada.

Amei Poo-See de modo alucinado. Ao amá-la com loucura, perdi-me em minha própria floresta. Lembro-me ainda de quando, no silêncio profundo da noite, ela vinha correndo, vinha tremendo, descalça, os cabelos sôltos, anelante de amor e desejo, para a minha choupana de bambú...

Certo dia — terrível dia! — ela quase enlouquecera de pavor, perseguida de perto por um orango medonho e brutal, que quase a agarra e a massacra em sua nervosidade convulsiva. Um nativo sobrehumano salvou-a de ser ferozmente trucidada nas mãos do monstro, sem que eu nada pudesse fazer...

Sim, amei Poo-See de modo alucinado. Para esquecê-la, reuni tôdas as minhas forças e parti para o Ceylão, em busca dos sacerdotes do Templo do Dente. Ali, mil vêzes por dia pronunciei a palavra sagrada Om. Em vão. Poo-See dominava-me inteiramente, penetrara em minhas células nervosas com seu feitiço infinito.

Um missionário francês, que encontrara chupando uvas nas costas da Síria, aconselhara-me a resignação em face do inevitável. Confidenciara então ao venerável representante de Deus:

— Sou um homem da tarde. Já estou na casa dos cinquenta anos. Preciso aposentar-me. Já ouço, ao longe, o toque de recolher. — Apresento, no corpo e na alma, graves e inequívocos sintomas de morte. Já estou perdendo a imaginação; resta-me apenas a prudência... E' o começo do fim...

E acrescentei, em tom filosófico, para prestigiar a nobre e serena paragem em que estávamos.

— A velhice é a assassina das esperanças, o sepulcro das ilusões, o sarcófago do amor, o sr. não acha? Como é então que eu estou amando dêsse jeito? Estarei sendo perseguido pelo demônio do meio-dia?

O austero e hierático religioso baixára os olhos, suspirára fundamente, e nada respondera-me. Perto de nós ouvira-se o silvo fino e agúdo de uma serpente venenosa, que enrolava e desenrolava seus numerosos e fulvos anéis, prêsa ao galho de uma árvore pouco acima de nossas cabeças.

Ouçó, ainda agora, a buzina dessa velha e graciosa recordação.

Despedira-me do solêne ministro de Deus, e regresssei no mesmo dia para Makololo. Voltei, correndo como um louco, para ver Poo-See...

Os dias foram passando. Certa vez, no auge da paixão, disse à Poo-See, fitando-a nos olhos, com a profunda seriedade dos que amam:

— Escuta-me: Não há mais nada para comer. Quando sentires fome, cortarei de minha carne para te alimentar!

Ao ouvir-me, Poo-See soltara uma risada clara. Uma risada alta e clara nas selvas de Makololo, à margem esquerda do Zambese.

Ainda ouço a sua risada redonda e clara. Também eu teria rido, se soubesse rir...

SOCIAIS

Lágrimas de violinos e sorrisos de piano

NÃO, senhores, jámais escreverei sobre Dhalia Gris com a típica objetividade dos intelectuais. Somente os encantos de uma prosa imaginativa poderão exprimir a beleza ideal dessa dócil flor humana.

Essa gentil figura de adolescente não pode suportar, sem desfalecer, o raciocínio frio e sem calor dos psicólogos de Porto Novo do Cunha. Sua imagem rosiclér, sua personalidade divina, não podem ser transformadas na sombra de um acontecimento tão absurdo.

Dhalia Gris dissipou as frivolidades de meu pesado orgulho mental. Deu-me fortes e corajosos pensamentos. Libertou-me... E, para cultivar o seu amor, morri...

Agora, já enrolado na mortalha da morte, com a alma dispersa na melancolia da tarde parda, evócoa-a perdidamente. A tarde é sonolenta, gris como a Dhalia Gris.

Minhalma vadia e dolorida chora na tristeza da tarde.

Dhalia Gris, não tenho dúvida, é um sorriso de Deus. Ela é mais espiritual que o pensamento. O amor — eis o aroma de seus lábios, eis a poesia de sua boca. Ela é a mais bela flor do território humano.

A sublime lembrança de Bela vive comigo nas penumbras flutuantes da eternidade. Amo-a, aqui, do outro lado da vida, com o mesmo amor de artista doloroso e sem esperança.

Já não amo os chins, as carpas, os camarões e as tilápias da terra, mas ainda amo Dhalia Gris.

Na tarde triste em que morri, Dhalia Gris sorria o seu mais lindo sorriso de ninfa. Um sorriso sem fim, um sorriso etéreo, no imenso e lúgubre deserto da vida.

Fui assassinado. Um ódio tártaro bramiu contra mim, uma ira espanhola, uma cólera medieval espumaram contra a minha vida. Uma criatura torva e sinistra sentiu-se comissionada por Satã para tirar-me a vida. — E tirou-a...

Morri, envolto no sorriso doce — tão doce — de Dhalia Gris. Foi assim que findou o meu negro, o meu abominável sofrimento sobre a face da terra.

Experimento agora a suprema ventura, a ventura sem par, da cosmovisão. Tudo agora vejo do alto, com uma perspectiva de condor alçapremado aos espaços infinitos.

Meu coração bate dolorido dentro da noite. As velhas angústias uivam em meu coração. Meu espírito bate continuamente sobre a rocha dos fatos os martelos da dúvida. Já não posso palpar-me, mas posso pensar, posso sofrer, e sentir remorsos, e rir o riso parado dos defuntos...

Vou partir... Minha bagagem é a infinita saudade de Bela. Não poderei mais dormir entre estas névoas e fumaças e sôpros e espessos nevoeiros celestes.

Terei que ir sofrer em outras paragens. Vou para Tortuga. Vou ser companheiro de Lafitte, vou ser corsário nos Mares do Sul. Levarei um tiro em Cisneros, viverei no centro da África. Terei ainda, que tiritar de frio, numa noite branca de álcool e de cigarro, à porta de uma taberna em Casablanca.

Sempre estarei pensando em Bela, e será para ela que escreverei uma pequena elegia (uma elegia difícil, árdua e cansada), ilustrada pelo ágil lápis de Tebaldo e à qual darei o bizantino título de «Despedida Lirica do Pescador Defunto».

Essa elegia será naturalmente publicada, em inglês, num prestigioso hebdomadário de Pequim.

Pequim... Dhalia Gris, há trezentos anos mais ou menos, estudou lá. Chamava-se então Poo-See...

O POETA QUE MORREU ONTEM

ONTEM morreu o poeta triste e solitário. O dócil poeta que cantava os crepúsculos lilases, as douradas manhãs de sol, a incomparável ingenuidade das andorinhas, o albornoz de seda branca do árabe louco, o sorriso de beleza que baila nos lábios da dor.

O poeta morreu...

Em meu coração dansou uma charpa de névoa rôxa e dolorosa. Em meu coração subiu um sussurro estranho e misterioso. Estremeci até o fundo de meu ser; senti em mim o rumor confuso de uma carga de cavalaria kurda.

Sim, o poeta não mais existia... Na casca do sapo brilhavam safiras. Safiras cintilantes como as lágrimas do sono eterno.

As batalhas da eterna alma do poeta morto, como foram fatigantes e cruéis!... O filósofo perplexo filosofou longamente dentro da noite negra. Tanto sofrimento, tanta dor, tanta miséria, para, no fim de tudo, somente remanescer o riso sardônico, o riso boçal da impura multidão.

O poeta morto odiava as cobiças prepotentes dos senhores da vida. Era simples, modesto e pobre. Sua única riqueza, seu tesouro e o seu amor — o seu ardente e perfeito amor pela vida e pela natureza.

Escrevera, para si mesmo, formosas crônicas filosóficas, encantadores ensaios poéticos, doces poemetos, tranquilos e lúcidos trabalhos mentais. O mundo, si acaso lera êsses belos mosaicos literários, por certo apuparia o seu autor, com a sua hiperbórea insensibilidade.

Era um sutil ceramista da palavra. O verso era o seu alimento favorito. As musas eram suas familiares, suas aias prediletas, fiéis e obedientes.

O poeta vivia no país azul da poesia. Vivia na perene perseguição de um ideal inatingível. Respirava no êter da quimera. Sua sensibilidade estética era simplesmente sublime. O devaneio era o seu pão doméstico. O sonho constituía o seu esporte específico.

Tinha fome de formas e coloridos, como o deserto tem sede de água pura.

Detestava profundamente o burguez — êsse fenício moderno, êsse deus esférico e comilão, que domina a nossa civilização mercantil, a nossa sociedade cartagineza.

Nada podia existir de mais belo do que os devaneios de sua imaginação. A vivacidade e a alegria de sua existência provinham dos sonhos de seus sentimentos.

Possuía uma paixão intensa — uma paixão silenciosa, interior, que o devorava lentamente. Era uma volúpia profunda, central, que o gastava, que o matava. Essa paixão amorosa chamava-se Dora...

* * *

CONHECI o poeta nas ultimas luzes de uma tarde cálida de outubro, quando também meu coração desfalecia ferido de ternura por uma ninfa vaporosa e ideal. Rimos, juntos, da profunda miséria moral do homem. Em comum, idealizamos a existência de um mundo fabuloso e desconhecido, de um universo metafísico no qual somente imperasse a garridice das flores, sobretudo o feitico infinito das flores humanas.

Foi então que percebemos que ambos eramos seres quiméricos, entes imaginários, cerebrais puros, doentes da beleza, pervingando pela aridez da terra, vivendo num mundo não euclidiano.

O infortúnio seria o dote de nossas vidas inteiras. E digo isto porque vi: o poeta comia uma grande fatia de lirismo, bebia um grande copo de fantasia...

* * *

SIM, morreu ontem o poeta que amava a pobre procissão dos trapos.

Tôdas as catedrais de flores entristeceram-se. A mágoa povoou a superfície das almas puras, o território dos corações sensíveis.

O meigo cantor da beleza emudeceu para sempre.

Curioso: não vi, no seu enterro, a moça que êle tanto adorara... Não, no seu enterro, a pequena flama branca do harmonioso pensamento de Dora, a eleita do poeta.

Os salgueiros e ciprêstes choraram em silêncio, com seus longos braços verdes estendidos para o chão. Somente a melancolia, a tristeza infinita da vida cobriram o semblante pálido e desbotado daquele que ela desprezara com os movimentos de um coração de ferro.

No silencioso cemitério, despedi-me, de longe, do pobre e enternecido amigo morto. A tarde caía, quando o companheiro baixou à tumba.

Procurei um recanto tranquilo do campo santo, a fim de poder meditar em paz, a fim de chorar baixinho...

SOCIAIS

A MORTE DANSOU EM PIRAPORA

A NOITE anda pelo horizonte.

O céu é uma imensa pelerine de estrêlas.

Caminho vagorosamente ao longo da longa alameda de tílias, circunda o meu casebre de bambú.

Escuto as vozes que vêm das distâncias do meu ser. Ouço gritos na cabeleira das árvores.

No bosque há um ballet de pirilampos e jasmins. Ninfas e elfos travessos brincam na verde espessura, comendo nardos e rosas.

Enquanto caminho, escutando o meu silêncio, mordo a polpa amarga do sofrimento.

Tenho a alma vestida de folhas secas.

Noto que a vida é percorrida por imensos e sinistros rebanhos de carneiros negros.

Há suicídios de passarinhos dentro de meu peito.

E medito na morte.

O tempo parou à espera de si mesmo. Choro uma lágrima pelas lágrimas que já secaram.

Sou o homem da noite, o homem do destino. A dúvida martiriza o meu entusiasmo. A dúvida desintegra a personalidade, a dúvida é o sepulcro da esperança.

A dor, eu estou na dor, nunca sai da dor. Minha alegria está na dor. Casei-me com a dor.

Dor igual ainda não doeu em nenhum peito.

Trago impresso no rosto o sulco das desilusões.

Deus esqueceu-me, Deus deu-me as costas, Deus empurrou-me para um ataúde de cristal.

E agora sinto uma saudade imensa, uma saudade profunda de Bela.

A história de Bela demonstra-me a eterna tragédia do amor que morre quando retribuído demais. Bela dominou-me, — e ninguém pode admirar aquilo que domina.

Bela considera-me uma «aparência», não uma «realidade». Sim, sou uma aparência, uma aparência que ama, que sofre, que solúça, que chora...

Perdendo o amor de Bela, perderei a vida. Bela é a minha vida. A vida de minha vida.

Sem o amor de Bela, serei como o navio que passa ao longe, fóra do alcance da voz. Ficarei então sózinho e abandonado, sinistro como um castelo no mar. Em cima, o céu profundo e silencioso; em baixo, a imensa solidão das águas.

Caminho vagorosamente ao longo da longa alameda de tílias... E trago na garganta o grito desesperado da paixão sem remédio e sem esperança.

Pesquisei-me na profundidade de meu próprio ser interior.

E' seguramente impossível saber ao certo qual a cor da alma. Mas minha alma deve ter a cor da morte...

Meu amor viveu nos silêncios do mundo, cultivado nos jardins de meu sanguinolento coração.

Bela ainda é o sonho de minha vida. Ela ainda ilumina a minha noite interior. Ela ainda veste minha vida de sonho e ilusão.

No coração de Bela encontrei o meu próprio coração. Ela continua sendo o meu primeiro e único ideal de amor.

Bela é o ideal dos homens de fantasia. Bela é uma flor que só pode ser encontrada por um botânico dos jardins ideais.

Mas... o amor alimenta-se da morte. Assim, ao dar-me amor, Bela iniciou o processo fatal de minha morte...

Sim, Bela mata-me... Bela mata-me por entre cândidos e virginais sorrisos...

E uma vez morto, terei a vantagem de tudo ver do alto, tudo poderei ver com a perspectiva de um pássaro. Poderei descortinar o vastíssimo panorama do mundo, como uma águia do seu ninho alcantilado. Contemplando assim o imenso labirinto da vida, concluirei que a morte foi a minha vida.

Sempre vivi como um monje da Idade Média. Um triste monje da melancolia... Sempre carreguei dentro de mim a tortura de uma dor bimilenar e sem cura.

Vivi entre o mal constante e o bem esporádico. Sofri em todas as esquinas do mundo.

«Onde houver amor, haverá dor. Onde houver amor, haverá a consciência da morte. Todos os grandes amorosos tem um traço de morte que ensombreia os olhos. Por isso os amorosos são tristes».

Morrendo, como já morri interiormente, tornei-me insubstancial. Fiquei vestido de irreabilidade. Transformei-me numa estátua de talco. Virei sonho inorgânico.

Estou sempre em redor de mim mesmo e nada mais senão em redor de mim mesmo. Estou coagulado no mistério de minhas circunstâncias. Sou um prisioneiro de minha liberdade.

Sou um trágico da sensibilidade. Sou um doente da beleza, sou um cerebral puro. Padeço o patético sofrimento da personalidade.

Estou sempre em busca de minha sombra. Sou um Ibis da inquietação moral. Sou um págem da morte...

Morri afogado dentro dos esquemas da poesia lírica, dentro das triangulações da tragédia clássica. Contudo, não perdi a memória de haver sido. Porque ainda trago a vaporosa imagem de Bela dentro de meu ser. Não posso nem quero esquecer sua alegria luminosa, seu divino ímpeto de amor, seus adoráveis desejos de superfícies.

Sómente ao evocar-lhe a risonha e doce beleza sinto-me um morto vestido de vida.

Sinto-me feliz por ter-lhe dado a vida. Quem deu tudo, sem dar a vida, não deu nada.

SOCIAIS

SOUZA LEMOS, MÉDICO

LEMBRO-ME, como si fosse hoje, do claro dia em que conheci Jair de Souza Lemos. Era um gaúcho e galhardo rapaz, provavelmente muito parecido com aquele que, na rançosa valsinha popular, foi objeto do desgraçado amor da meiga Manolita.

Souza Lemos é, talvez, a minha mais interessante experiência pessoal. Descende ele de uma família considerada e limpa, de uma das mais ilustres e distintas famílias do Estado do Rio, da cidade de Rezende, se não me engano, de Campos, ou de Vassouras... Devo desde logo dizer, portanto, que meu amigo não é um filho do povo, mas um aristocrata, um perfeito aristocrata, senão pelo sangue ou pela linhagem, ao menos pelo nobre e sutilíssimo metal.

O tempo passou, e, hoje, Souza Lemos é um jovem e futuro médico. Formou-se o ano passado no Rio, irrompendo na safra nacional de médicos de 1959. Na ocasião em que me foi apresentado, ele era a mais estouvada e singular, a mais pitoresca e opulenta personalidade de estudante de medicina. Sua elegância bizantina fazia furor na Capital da República. Ele era, de fato, uma robusta e gentil figura de rapaz, alto, moreno, radiante, vistoso, polido, atraente, simpático, bonito. O esmero e a correção de suas vestes, os laços algébricos e complicados de suas gravatas, que faziam lembrar as do poeta Olegário Mariano, seus chapéus e seus sapatos caríssimos eram célebres na Capital Federal. Igualmente famosas ainda perduram as divertidas e edificantes histórias dos seus amores sem casamento, bem como a lembrança de suas risadas claras e sinceras, de sua jovial animalidade e de suas sonoras frases de espírito, pequeninas chispas de talento, esfusiantes sátiras, penetrantes farpas verbais embebidas em fina mordacidade, prodígios de aventura mental, abelhas vibrantes e incertas que picavam a epiderme de nossa sensibilidade, mas que constituíam o encanto e a alegria de todos nós, seus amigos e companheiros de toda a vida.

Souza Lemos é, pois, a despeito de ser muito rico, um moço extremamente cativante e espirituoso, desses que não se esquecem em toda a dimensão da vida. A planta fantástica de sua personalidade esportiva e eufórica, o seu bizarro e insólito temperamento de eterno finório, o seu risinho e inconfundível caráter de trocista perene prendem e alvoroçam a atenção de todo mundo, que também o estima muitíssimo pela afabilidade de sua índole e de suas maneiras.

Gastava e gasta orientalmente, vivia e vive quase como um nababo de lenda, quase como um herói de fábula, como um príncipe de novela, desperdiçando loucamente a sua mocidade sadia e inteligente. Seu vago idealismo de rapaz solteiro é cuidadosamente aplicado na cata obstinada de mulheres, honestas ou não. Era e é devasso como um poeta lírico. As verdadeiras mulheres o adoram perdidamente, amam-no organicamente, mas o desejam impossivelmente, porque nenhuma delas consegue fixá-lo no noivado nem atá-lo nas célebres algemas do matrimônio. A presença de Souza Lemos representa sempre uma vertigem para o coração das moças. As mais esquisitas e cheirosas virgens do planeta perfumam o seu corpo ocioso e vadio de epicurista. Os mais misteriosos e avêludados olhos deste mundo desfalecem de ternura, quando suas carinhosas donas são estreitamente enlaçadas em seus braços voluptuosos de sibarita. Seu nome ondea e sonha em belíssimos ninhos de beijos, que são as bocas quentes e vermelhas de certas Evas que habitam esta mesquinha pilula sub-lunar. Assim, ainda mais do que os lícores fortes e ardentes, mais do que as bebidas sedutoras e assassinas, a mulher e suas perfidas delícias, Eva e suas carícias constituem o folgado predileto, o pecado favorito, o esporte preferido, o enlevo cotidiano de seus nervos soltos, de sua garrida mocidade, de sua alma livre, de sua alma sem Deus, sem idealidade e sem amor verdadeiro. Nisto, semelha-se a Byron, seu remoto antepassado espiritual, seu longínquo irmão sentimental, que era o mais amoroso e arrebatado cultor das nobres formas femininas.

Para Souza Lemos, a moral anda sempre desmoralizada, e ficção e religião são termos que se equivalem nos raciocínios de sua formosa cabeça árabe. A austeridade, esta velha, tristonha e murcha virtude burguesa, ele a odeia com ódio espanhol, com ódio tártaro. Não tolera de modo nenhum a presença dos corações prosaicos, frios e sem sangue, exasperam-no invencivelmente as almas secas, enxutas, dessoradas e desnudas dos moralistas, dos puritanos moralizantes, dos indivíduos beatos e farsescos. Contudo — fato estranho — todos os admirar e estimar, não fazendo conta de sua repulsiva doutrina de vida, nem de seu desassazado proceder. Seu élan absolutamente romântico como que encarna e corresponde ao lirismo essencial, turbulento e ruidoso da juventude eterna, fervente e liberal. Ninguém o inve-

ja ou o censura (que eu saiba), a despeito da existência quase quimérica e inverossímil que leva, apesar de suas encardurações custosas, que costumam inspirar e persuadir os movimentos da vaidade ferida. Examinado bem de perto, bem próximo à sua rica e luxuosa indumentária, vemos que Souza Lemos não é orgulhoso e arrogante, nem esconde no coração senão bondade e espontânea generosidade.

Afinal, o efervescente tempo de estudante se escoou. E, um belo dia, eis Jair de Souza Lemos médico, colando grau, aparecendo na fornada carioca de médicos do ano passado.

A semana passada tive a ventura de apertar-lhe a mão, tive a satisfação de abraçá-lo novamente, depois de longa ausência. Tive a fortuna de ouvir de novo a enérgica vibração de sua palavra alegre e rumorosa. Eu viajava de Cruzeiro para Pinhal, mas, transposto o Vale do Paraíba, decidi fazer alto em São Paulo, completamente estafado e sujo pelo pó preto e pelo sono sacolejado nos trens incriveis da Central. E às cinco horas de uma lírica tarde deste dezembro que se finda, comprazia-me em vaguear ao léu pelas ruas de nossa linda Capital, quando, ao passar pelo Mappin, quem é que eu vislumbro lá dentro, elegantemente ameaçando à ilharga de um daqueles magníficos tigres perfumados, de um daqueles deslumbrantes pássaros de seda, que se costuma enamorar ou fascinar com os recursos de uma mundana futilidade e de uma inconstância dinheirista? Nada mais, nada menos que o nosso Jair de Souza Lemos, o médico.

Aproximei-me. Conversamos, depois das saudações do estilo. Nossa conversa foi curta, breve, mas amena, direi mesmo suave, sob o sorriso indefinido e silencioso da companheira, sob as luzes e sombras, sob o feitiço infinito que filtrava mansamente dos olhos cálidos e castanhos de sua maravilhosa companheira. Ao falar ao meu amigo, sentia um calor bom subir-me ao rosto, quase gaguejava em disartria emocional, com aqueles olhos admiráveis e sem pensamentos a me espiar magnificamente através do franjado ténue das pestanas. Despedi-me, por fim, mas da felicidade boba desse breve encontro na morna e grisalha tarde paulistana, sei que vou guardar uma secreta, amável e duradoura lembrança, só por causa do mistério daqueles olhos...

E agora, para dissipar a curiosidade do leitor indulgente, fixo aqui uma das mais imprevistas, surpreendentes e definidoras tiradas ou boutades de Souza Lemos, essa solene, sugestiva e original usina de ironias:

«Meus amigos, depois de trinta séculos de civilização, que pensam os senhores que a medicina clínica tem positivamente conseguido apurar e descobrir? Apenas isto: Que o que estraga a saúde é a doença!»

UBIRAJARA ROCHA

Filippi

SOCIAIS

DISCURSO VESPERTINO DO PROFETA

VAGAVA eu, atoa, pelas ruas da cidade, quando entrei na praça. E foi aí que, entre uma pequena aglomeração de povo, ouvi a voz do profeta rugir:

— Vocês pensam o que!... Vocês aí lá sabem o que Protágoras dizia?... Não sabem, é claro... Pois fiquem sabendo que o famoso sofista proclamava (em grego, naturalmente): *Panton metron chrematon anthrōpos*. O que, vertido em linguagem acessível, quer dizer: O homem é a medida de todas as coisas.

(Foi aí que notei que o profeta estava bêbado. Cambaleou e vociferou forte):

Pois eu nego o doido sofista mediterrâneo. Eu sou um mero coágulo das circunstâncias, como todos os seres paranormais. E Deus é que é a medida de todas as coisas.

Sou um despojo trágico flutuando no imenso mar do sofrimento. O desgano e a melancolia moram em meu peito.

Morro devagar, consumido pelas minhas contínuas, minuciosas e fatigantes análises interiores.

Vocês estão vendo que sou um ente sombrio, uma creatura saturnina, dramática e infeliz, boiando como alga perdida no profundo oceano do desespero.

Sofro sem cessar o que os psiquiatras chamam de «ansiedade flutuante», isto é, uma expectativa aflitiva, muito semelhante ao medo.

Minha natureza é bipolar, ambivalente, marcada por impulsos irremediavelmente antagonicos. Sou como o «*hirsu ceti*» dos escolásticos, monstro híbrido, dotado de duas almas opostas.

(Voltando-se para o povo, continuou o profeta):

Amo a dor, ó vermes, na hora rixa dos crepúsculos. É por isso que me é proibido contemplar os seres e as coisas com aquela «santa indiferença», a que aludia São Francisco de Sales.

Ontem, fui feliz. Hoje, apresento fundos gílvezes em minha fisionomia moral. Hoje, sou como um verso desprendido de uma estrofe. Minha vida é positivamente inusual. No entanto, lembro-me que já recebi o aplauso dos homens mais aplaudidos.

O pensamento humano, o criaturas sem lei, passou a ser mera mercadoria volátil, sem peso nem valor algum no comércio das idéias. O pensamento humano prostituiu-se...

(Nesse momento, o profeta benzeu-se com suas mãos esqueléticas).

A beleza, que era um ideal dedicadamente inobjetivo e sublime, é, na atualidade, a meta derradeira dos desocupados.

O vasto mundo do pensamento era gracioso e grego. Hoje, porém, é uma pastagem de vadios. Um brinquedo alexandrino, uma atividade bizantina. O esporte do fortuito.

A idealidade moderna é a manifestação tangível da «ludfuga bestia», de que falava Tertuliano.

Vejam lá, vocês que estão rindo aí... Eu já brilhei como um verdadeiro fragmento de estrela. Meu espírito falcava; minha inteligência foi profunda e misteriosa. Minha moral foi o que havia de mais elevado, ô fúteis discípulos do tédio contemporâneo. Fui um rapaz forte e belo. Ou, como se transmite em latim: *Fortiter in re, suaviter in modo*.

Jamais padeci de esteomalácia, nem física nem psíquica. Mas, hoje, meus ossos morais quebram-se, partem-se como fósforos. Hoje, não vou além de um brejo, de um pequeno pântano...

Outrora, minha alma foi inquieta e sonhadora. Presentemente, porém, não passo de um vaso velho, contendo uma flor murcha...

Escrevi. Compus páginas idealísticas. Minha prosa era imaginativa e pura. Meu estilo era límpido, era enxuto e alabastrino, como o da melhor prosa francesa. Sempre detestei a declamação e a ênfase, sempre odiei a retórica. Escrevi em linha reta, como Tácito.

Minha palestra era tão formosa e agradável, como a de Mônica e Agostinho. Posso vangloriar-me — ó lesmas — de ter sido um esteta perfeito — de ter sido um dos «trezentos de Gedeão», como lá dizia o esquecido poeta Olavo Bilac.

Embora não possa gabar-me de ter sido um notável ceramista da palavra, fui no entanto dono de uma linguagem leve e ligeira, encantadora e sutil, esvoaçante e fina como uma mantilha andaluza.

Filosóficamente falando, sempre vivi no negro útero da metafísica!

(Nesta altura de sua delirante parlenda, risos escarninhos espoucaram na pequena e curiosa multidão, que se acotovelava à volta do profeta).

— Podem rir à vontade, ô batráquios, ô ilotas ignôres, mas o artista que eu fui existiu nas zonas silenciosas de meu cérebro. Hoje, todavia, meu cérebro achase azulado pelo álcool. O veneno colorido, o álcool maldito de cábo deste «abstracteur de quintessence»...

Pertenço, hoje, ao exército do Pará... Eu, que fui tão sensível aos encantos da arte e da filosofia, estou definitivamente incorporado ao execrável exército do Pará.

Deus deu-me as costas. Onde está Deus, o supremo legislador moral do universo? Como é que vocês irão saber, vocês que têm os pés abominavelmente enterrados no pó?...

Ninguém me compreende, todos estão afundados no deplorável beocismo moderno. Ninguém mais compõe arte, mas apenas uma

meticulosa composição de futilidades. O cintilante mundo da arte está em declínio.

Não há mais inspiração para o verdadeiro artista. O amor não é mais uma expressão natural do coração humano; o amor transformou-se em desejo, converteu-se em apego impuro e depressa esmorecido, culmina em grosseira sensualidade.

(Volvendo seus olhos para o povo em derredor, proclama o profeta, com ar de briga):

— O que é que vocês sabem a respeito do mentidico e mesmo da incombustibilidade da alma? Que sabem vocês sobre a *psikokinesis*, a cura pelo espírito? Hein, senhores do conselho de sentença? Respondam logo, seres pequeninos e mesquinhos, helmintos ignorantes, como lá dizem os boticários e medicastrof de aldeia.

Qual de vocês aí fazem exercícios de atletismo moral e intelectual? Ninguém responde nada. O mundo está pódre, e vai acabar... Isto aqui é a terra dos leões. *Hic jacent leones*. Terra habitada por selvagens...

(Aí o profeta gargalhou forte, espasmódicamente, cambaleando, quase caindo por terra. O profeta parecia uma grande lagarta oscilante e ruiva. E gritava, no meio dos populares, que riam e comentavam suas estranhas palavras e atitudes. Sua voz era rouca e pastosa, como a de todos os bebados de todos os tempos).

Foi então que surgiu no local um sujeito, com cara de tijolo, com pele de crocodilo, o qual foi até o bar da esquina, a fim de telefonar para a polícia.

Pobre profeta. «*In nid beguzared*», (isto também passará, como diz um provérbio árabe). Passou!...

Dois soldados chegaram. O profeta foi preso.

Ouço-o ainda vociferar, cambaleando: Protágoras estava errado... Muito errado!...

UBIRAJARA ROCHA

NATALICIOS

FAZEM ANOS:

HOJE: Senhoras Lydia Scapim Lomônaco, esposa do sr. Tomaz Azevedo Lomônaco; Antonieta Oliveira Carrara, esposa do sr. Roberto Carrara.

Meninos Paulo Antônio, filho do Prof. Paulo Seixas Pinto; Syllas, filho do sr. Amador de Castro Rezende.

Senhores Antônio Carrer, Casemiro Onofre França, Elio Martinelli.

PARÃO ANOS:

AMANHA: Senhoras Francisca M. Simionato, esposa do sr. Franklin Simionato; Deolinda Ansaldo Agostini, esposa do sr. Mamede Agostini; Antônia Marinello Leitão, esposa do sr. Valdomiro Câmara Leitão.

Senhorita Maria Aparecida Mangili.

Jovem Antônio Carlos, filho do sr. João Silverio Pecanha.

Menino Antônio, filho da sra. Teresa Meloni.

Senhores Júlio Mattiazzi, Frutuoso da Silva, Gedeão...

SOCIAIS

MENSAGEM AO SONOLENTO RUBÍ DE BURMA

RUBÍ de Burma é alta, magra, notavelmente magra e alta. Sinuosa e esguia como um sifide, flexuosa e fina como uma áspide. Fada longilínea, ninfa curvilínea. Languida e pálida, de olhos amendoados e ardentes, olhos cor de pecado. Tem pés nervosos, esbeltos e morenos pés nervosos.

Puríssimo e asiático rubi da Birmânia, a vida tem-lhe sido a um tempo risonha e má. Ela é formosa e odiosa, amarga e doce. Tem saboreado o mel e as delícias de uma vida bonançosa, tem padecido as ingratas crueldades da sorte, as pesadas injustiças do destino.

Rubi de Burma é um fascinante enigma do destino. Ela surpreende, desconcerta, empolga fortemente a inteligência crítica do observador mais sagaz.

Seria um anjo? Seria um demônio?

Rosa luminosa de amor? Tulipa negra do ódio?

Nasceu somente para amar, como Antígona? Ou nasceu apenas para odiar, como Lady Macbeth?

Sexo trágico. Esfinge. Fatalidade humana. Feiticeira cruel. Tentação viva e perigosa. Monstro sublime, que seduz, encanta, enlouquece e mata. Anjo amoroso, perseguido e atormentado pelos corvos brancos da Volúpia, pelas borboletas amarelas do Desejo.

Rubi de Burma é uma flor demoníaca e lasciva. Flor de sangue, flor de pétalas sangrentas. Papoula mortal e venenosa. Simbolizando o destino, pisa e fere e machuca todos os que encontram pelas estradas da vida.

Para mim, Rubi de Burma não personificou a desgraça. Para mim, ela foi flor lilás de sonho e devaneio, foi acôrdo perfeto do coração e da ternura, foi a beleza florindo de bondade infinita. Por vêzes, em seu coração encontrei o meu próprio coração.

Para mim, Rubi de Burma foi uma dádiva do céu. Fez-me viver como um homem, não como um monstro de cerebralidade e razão. Com ela aprendi que a vida física e afetiva é superior à vida mental. Compreendi que é impossível viver sem coração e que, sem coração, não há entendimento. Ela aniquilou as devastações e as agonias de meu tédio crônico, dissipou as tristezas de meus ócios sem fim, apáticamente mergulhados na rotina tristonha do conhaque.

Evoco incessantemente o inefável desenho, a sombra móbil e ligeira de sua delgada e encantadora imagem. Não consigo esquecer seus lindos olhos líquidos, seus doces lábios coralinos. Escrevi seu nome, breve e tão querido, no liso muro do silêncio. Embora desconhecendo a arte amorosa de eternisar o belo, componho para ela poematos amenos e afáveis nas areias interiores da alma, nas praias sossegadas da memória.

Rubi de Burma fascina-me, perturba a minha alma passageira, feita de miséria e de ilusão. Amo-a ainda com amor-bondade, com amor-corção, com amor-ternura. Amo-a com paixão artística, com paixão poética, num universo de fantasia. Nunca a martirizei com os frêmitos impetuosos do amor humano comum e vulgar, com esse amor que não é senão um ardor seco, colérico e violento. Jamais a supliciei com os golpes e com os assaltos frenéticos de uma paixão tigrina, paixão que morde, estrangula e despedaça como um cão feroz o ente que deveria ser ternamente adorado e abençoado.

Seu dócil perfil de libélula amorosa e dedicada oscila e flutua na fimbria do horizonte misterioso e vago de minha vida e de meu destino.

Vislumbro, inda agora, sua silhueta rosicler, muito fina e vaporosamente vestida, caminhando e ondulando pelos campos e planícies de minha imensa saudade. Ela sonha e adormece, canta, ri, por entre véus esvoaçantes, na silenciosa palidez da tarde que agoniza. Admiro, na bruma irisada do sonho, a espiritualidade de seu suave e sutil sorriso a Sodoma. Ouço a melódia de sua voz, de seu riso de cristal perder-se na madreperola da tarde que desfalece no seio grisalho do crepúsculo.

Ainda que engolfado nas cinzentas dimensões da separação e da distância, posso revê-lo com os olhos do espírito a graça aérea, a graça musical de seu corpo de âmbar, palpitando envolto em vagas de aromas. Em sonho, beijo com delicadeza e emoção suas mãos aristocráticas, suas mãos ducais, longas, graciosas, sensíveis e expressivas.

Ainda com os olhos da alma, contemplo as ondas de seus cabelos, que são acariciados pelos dedos ágeis e leves da brisa. Por vêzes, seus cabelos são afagados por mãos angélicas, por mãos espiritas: é minhálma dolorosa e enternecida que, abandonando as névoas do corpo material, vai abraçar e sussurrar segredos de amor à sua alma tão docil e carinhosa.

Rubi de Burma: Envio-lhe daqui a essência e toda a poesia de minha saudação de cavaleiro errante. Esta é a minha mais tocante, mais pura e quente mensagem de meu coração doente de amor e de saudade. De saudade de nossos doces momentos de prazer, de nossos meigos transportes, de amor.

Eis a minha suave lembrança, a minha ventura distante...

UBIRAJARA ROCHA

SOCIAIS

A MORTE DO CISNE NEGRO

ANTES de morrer, o cisne negro falou assim aos homens e mulheres do planeta:

PERDI a juventude com seus véus diáfanos. Já não amo o formoso mundo da cor e do movimento.

Perdi o domínio das faculdades ideais. O pensamento passou a ser para mim um frívolo festim de palavras.

Tornei-me grave e triste.

Vivo sob as pulsações da dor. — Respiro na lúgubre mansão do sofrimento.

Nada mais sou do que um átomo de poeira dansando num rãio de sol.

A noite povoa o meu coração.

Recolhi-me ao deserto. Marcho na solidão.

Minha felicidade tinha pés de barro. Pretendi prender a felicidade, mas apenas fui no encaço da saciedade.

Fui ferido pelas venenosas flechas da vida.

Beije a boca ensanguentada do amargor.

Sucumbi à inevitável fadiga da paixão.

Meu coração desconhece a paz.

Sou uma pobre alma gemendo o seu gemido sem fim.

Fui um problema para a vida.

Caminho perdido em melancolias infinitas.

Caminho nas estradas sem luz do desalento.

Minha cabeça está coberta de cinzas.

Habito lugares horrendos. Desapareci no sombrio abismo dos fatos.

Adormeço no desconsolador ruído do vazio.

Sómente Deus pode ouvir o meu silêncio.

Arrasto-me, agora, por viélas sem sol.

Perdi a centelha inqúeta da vida.

Vou conhecer os segredos da tumba.

— Morri...

Assim falou o cisne negro antes de morrer... E sua mensagem foi saudada pelas risotas dos bufarinheiros...

UBIRAJARA ROCHA

SOCIAIS

Dhalia Gris voa nas asas da manhã

NA VERDE espessura do bosque há serenatas de pirilampus e jasmims.

Visitando os túmulos dos faraós, perdi o navio que vai para Cisneros. Escrevi a Dhalia Gris; no cartão postal mencionei-lhe o que o médico me havia dito: leucemia à vista...

Enquanto aguardo a resposta de Dhália Gris, vou rolando pelas ruas do Cairo. A saudade de Dhália Gris, agora, vive em companhia dos interessantes mieloblastos, que devoram ávidamente minha vida.

Dentro de um ano (olhem o otimismo do velho rapaz) contemplarei pela última vez a minha querida amiga. Passarei, então, a somente poder acariciar-lhe os cabelos com dedos leves, com dedos transparentes e espiritas.

Mas Dhalia Gris continuará a voar nas asas douradas da manhã. Seus lábios continuarão movendo-se na harmonia da palavra e seus olhos se abrirão para a alegria da luz.

Miosótis, passarinhos, abelhas, rosas brancas e vermelhas bailarão com ela, nas toalhas felpudas do belo sol matutino. Eu, sorrirei, açoitado pelas ventanias da eternidade, lembrando-me sem cessar dos deliciosos tempos em que fui escravo da formosa filha da ternura e da beleza.

Na lousa fria do cemitério vou deixar o sanguíneo reflexo de minha paixão sem remédio e sem esperança. Minhas lágrimas vão brilhar no campo santo, envoltas em soluços de dor e amor.

Um sacerdote cópta sempre me aconselha. Ele é sincero amigo dos espoliados e desherdados. — Obedecendo a sua palavra luminosa, hoje vou mandar uma rosa à neta da arquiduquesa austríaca...

UBIRAJARA ROCHA

Finalidade da Vida

Ubirajara Rocha

TEM-SE dito e repetido, com redobrada insistência, que uma vida sem «significação» é uma vida morta, uma existência vazia, murcha, escura, indigna de ser vivida. Tem-se proclamado, com ênfase, que não vale a pena viver se não se conta com as altas inspirações de um nobre ideal a pautar-nos a conduta na face da terra. Diz a Bíblia, que é a «biblioteca de Deus», que uma árvore se avalia pelos seus frutos. Conhecem-se os homens pelo exame de seus atos, ou melhor ainda, somente será possível aquilatar-se, com inteira segurança, a nobreza ou a baixeza de um caráter, pela «finalidade» que este imprime à sua atuação na superfície do planeta.

Uma vida esmaltada de ócios e vícios, uma existência forrada de anêlos impuros, povoada de paixões vergonhosas é justamente considerada o epitáfio da moralidade de um homem.

A desocupação viciosa é a necrose da alma; a vadiagem incurável é o túmulo da moral. O vadio inveterado não inspira a mínima confiança a ninguém antes provoca a repulsa, consciente ou inconsciente, de todos quantos dele se aproximam. O ente amoral não passa de um «morto-vivo»: dele todos fugimos com repugnância e desprezo. O vagabundo possui um ideal, não há dúvida; mas é um ideal baixo, culposos, grosseiro, inferior, revoltante.

O vadio crônico é um indivíduo abominável.

Há indivíduos assim repelentes, despidos de qualquer chispa de ideal superior; são criaturas que não seguem a miragem de nenhuma quimera cívica ou social, seres animados por um desejo melindroso de fugir a qualquer conflito, arrastando-se numa vida indizivelmente monótona e enfadonha, assombrosamente estéril, inútil e vazia. Vivem tristemente abandonados a si mesmo, às suas próprias tendências e instintos elementares.

Outros existem, ainda, que são meros entes amorfoz, mortos, incolores, incapazes de praticar tanto o mal como o bem, vivendo molemente, nem dentro nem fora da realidade. Pululam nos desertos espirituais e no tumulto do mundo, quais misántropos cheios de desdém, seres que talvez aspirem viver uma vida de razão desprendida e estoica.

Outros, finalmente, comprazem-se em cultivar vícios brilhantes, paixões coloridas, como êsses perpétuos desocupados das classes distintas e elegantes. Tais espécimes humanos rolam perdidos no seio da invalidez moral, completamente sepultados sob a fascinação da futilidade. Desfrutam de uma existência aniquilada e insignificativa, despojada de qualquer senso de responsabilidade, distanciada de qualquer sentido superior em relação aos fins humanos. Nada produzem de belo, de útil ou fecundo, respirando afastados dos escopos e das metas excelsas da existência. Sua volúpia é sonhar no paraíso da irresponsabilidade.

Nosso dever é fugir, com forte antipatia, dos cínicos, dos libertinos, dos céticos e comodistas, que negam a Deus, que revogam o idealismo da vida que abolem a imortalidade da alma. O erro é o elemento natural dêsses pregoeiros de falsas

ficções, a culpa é a bandeira dêsses propagandistas de infeciosas ideologias. Ninguém ignora que o homem tem consciência dos fatos espirituais de maneira tão direta e indiscutível como tem consciência dos fatos físicos. Assim, Deus, a alma, a bondade são verdades que se palpam, são verdades que se apreendem por intuição e com uma certeza imediata.

Todos nós como que já nascemos previamente fadados, predestinados a desempenhar um papel na cena do mundo. Cada qual traz, ao nascer, uma séria e grave missão a cumprir na trágica dimensão da vida. É uma das mais belas e elevadas aplicações de nossa atividade e de nossa energia consiste na defesa intrépida, corajosa e perseverante da justiça. O homem justiceiro e que se bate bravamente pelo «bom combate», na forte e brilhante expressão de São Paulo, constitui um dos mais sublimes espetáculos morais da existência. A luta cotidiana e sem descanso pelo triunfo do direito e da razão, como queria Ihering em seu opúsculo famoso, a defesa abnegada e intransigente dos oprimidos, dos espoliados, das vítimas de tôdas as opressões e de todos os despotismos, dos humilhados e ofendidos... simbolizam atos de beleza sem par, representam gestos e atitudes coroados de suprema integridade humana.

Enormes, por conseguinte, são os merecimentos e os louros que colhem todos os que travam a inigualável batalha pela justiça humana e social. Sabemos que, às vêzes, o crime compensa e a virtude não compensa; mas isso não significa o colapso da lei moral. É ainda melhor do que desferir golpes pela justiça, é sofrê-los, nas luminosas palavras de Charles Wigner.

Sintetizando, é nos lícito asseverar que a perfeição de nossa mesquinha vida terrena repousa, em sua quase totalidade, na impavidez e na firmeza com que esposamos e defendemos a causa da justiça. Não, evidentemente, a causa da «justiça judicial dos processos», que essa, embora elevada, é a justiça dos juizes e advogados, mas a causa da «justiça filosófica», da grande e verdadeira Justiça, que Deus gravou na mente e na consciências dos homens. A Justiça -, grande e possante motor que impêla a história e os destinos de todos os povos e nações...

DA PROBLEMÁTICA CRIMINAL

Texto de Ubirajara Rocha

Os eventos misteriosos ou complicados formam a «problemática criminal», a qual, em considerável despesa de energia mental que acretaria, constitui frequentemente o desespero que fazemos profícuo de enfrentá-la. A investigação, nessa pesquisa, nessa escavação da verdade material do delito, nessa captura da realidade substancial do crime, não nos dá detalhes da cena delitosa, tem capital importância prática; tudo, os mais ínfimos pormenores, as minúscias mais microscópicas, devem ser submetidos à metódica análise do investigador.

As causas e circunstâncias determinantes dos crimes são numerosas e complexas, são praticamente infinitas, quase exaurindo as possibilidades do espírito humano no seu presente estado de desenvolvimento. Toda a possibilidade do problema nunca dissuadiu os homens e mulheres de proporem, convencionarem, estabelecerem, a verdade é sempre o mesmo: a simplificação extrema. Neste processo ignora-se até os antecedentes imediatos do fato considerado. O exemplo: Aldous Huxley, «Enxada Verde», pgs. 22-23).

«A simplificação excessiva é fatal, e é impossível determinar, numa e na mesma, todas as causas de um acontecimento complexo dotadas de importância prática». Geralmente, as complexidades embarrasam o fato, o nível psicológico mentalmente abolidas pelo pesquisador. Constróem-se abstrações convenientes em torno do trecho da realidade em foco. Intencionalmente, reduzida a uma cega uniformidade. «Deste modo consegue-se que o acontecimento pareça bastante simples para admitir explicação por meio de muito poucas causas, quicá de uma só. Usa-se esta explicação como guia para a ação futura. Não é de admirar que os resultados sejam decepcionadores». (Op. e loc. cit.).

Passando a outra ordem de considerações, vemos que os trabalhos de investigação policial seguem o processo móvel das concatenações, pre-cizado pelo famoso método bacônico (indução). É inquestionável que orientam-se pelo raciocínio puro. Não se olvida entretanto que a inteligência (elemento funcional

Interno que delibera e decide os atos), não é somente o «intelecto puro», o intelecto analítico ou discursivo.

As hipóteses são as estradas e avenidas da descoberta do crime. As probabilidades serviram de guias para a investigação do delito. No levantamento ou triangulação desses planos e esquemas deverá existir uma administração inteligente e refletida das técnicas modernas de investigação criminal. Em imagem gongórica, em expressão rebuscada, tingidas de evidente mau-gosto, poderíamos assegurar que — da mina das hipóteses, o decifrador de crimes extrairá o diamante da certeza.

Com acerto e propriedade diz Ramon Y Cajal que «não há questões esgotadas, senão homens esgotados nas questões». É irrecusável que o mesmo princípio pode ser aplicado na anulação do mistério criminal, na metodologia da investigação criminal.

Na sua linha de ação, deve o pesquisador criminal fugir com horror da rotina. Esta sempre o persegue com tenacidade, ainda que sejam constantes os seus afãs de capacitação, ainda que sejam profundos os seus conhecimentos de técnica policial. Seus processos mentais sempre estão sujeitos ou ameaçados de subordinação a qualquer fatal regra genérica e rotineira. A ação externa e interna do policial expõe-se a tornar-se rígida, dogmática, caindo nos vícios da «rotina mecânica». Essa rotina, talvez eficaz para os fatos uniformes, mas imprópria para os fatos novos e raros é espantoso de burocrática, cria uma ineficiência e desdém do verdadeiro talento policial. Tangido por ela, passará a funcionar com o evidente amarrilhamento, com o inconveniente incompetência do policial olfativo, ou de «faro», sempre ciente dos problemas que se lhe apresentam. Cairá nas malhas do delatativo grosseiro, sua atividade ficará perdida na mimica do automatismo.

Não passa despercebido o que, na dinâmica da investigação, o espírito do policial deve ser livre, liberto de pre-

concepções, movimentando-se com ampla flexibilidade mental. A investigação de crimes não é apenas um catálogo ou seriado de atos de interesse discursivo, ou um rígido, sistemático conjunto de regras positivas e práticas, a serem empregadas no caso concreto. Além dos métodos específicos de pesquisa e planejamento racional de hipóteses e suposições, deve apresentar esse elemento ideal que se denomina — Intuição. Não só intelectualmente, mas também intuitivamente pode ser atingida a essência do drama criminal, vivida toda a trama do enigma penal.

Na elaboração cuidadosa dos organogramas e planos teóricos deve antes valer-se da lógica da descoberta, de Bacon, do que da lógica da doutrina de Aristóteles. A lógica clássica ou formal é ingada de falhas e defeitos, como já o demonstrou o sapiente critismo filosófico contemporâneo.

A Ars Magica, de Raimundo Lúlio (1235-1315), pretende provar que a razão pode e deve demonstrar tudo inclusive os mistérios, suprimindo como consequência, os limites entre o racional e o supra-

racionais. «Foi uma ilhada perniciosa, essa sustentada por um dos espíritos mais sábios que têm existido. Dirigi o saber que é uma coisa, não se entra no mundo da lógica, do mistério abstrato e formal apenas nos fornecerá a capacidade de opinar acerca da solução dos problemas.

«O campo ou topografia psicológica do crime deve ser estudado com afino pelo desvendador dos casos jurídico-criminais. Não se abandone a conexão com a realidade (monismo de Ribot) absorve e devora o cérebro ou mentalidade do delinqüente: essa ídola é o monismo.

«Observe-se que, na problemática criminal, o menor deslize pode fornecer a chave ou pista para a solução do crime. O criminoso, os psicólogos que o criminoso só se aproxima da comissão do crime perfeito, quando seus desejos acim se tornam supracriminosos. Os remorsos, ou consciência de culpa, o traem; uma palavra dita em sonhos, um lapso na linguagem ordinária, um pensamento aleatório, uma geira alteração nos trechos habituais da rotina vivencial revelam súbitamente, inesperadamente, a verdadeira realidade criminal envolto nas brumas do mistério.

«Indícios do crime devem ser estudados e interpretados com perspicácia. Os indícios são as células ou moléculas que formam e explicam o delito. Assertiva de evidência indiscutível, podendo ser deduzida ainda pelo intelecto mais insuficiente.

«Além de normalmente imaginativo e engenhoso, possuidor de uma quase sagacidade quase nativa, deve o investigador criminal ser um especialista. Id est, deve cultivar a moderna «lógica operacional». «O conceito do professor Grünbaum em sua «Lógica da Falsa Moderna, é sinónimo do grupo correspondente de operações. «Uma questão só tem sentido quando é possível conceber operações que lhe possam dar uma resposta».

«E comenta Aldous Huxley: «Afirmamos que não se pretenda a verificação operacional não são nem verdadeiras nem falsas, mas desprovidas de sentidos».

O trabalho investigativo de crimes misteriosos é sempre penoso, árduo e fatigante. Por vezes, o enigma é tão perplexo e desesperador, que provoca a exaustão do investigador; as dificuldades parecem tão espessas e intransponíveis, que inclina o seu decifrador a tomba na impaciência.

COMERCE

--SIM! No ambiente gostoso e seletivo do

Restaurante do Posto Guli

da firma Pedro Tamaso & Irmãos, e agora sob a direção do Mestre-Cuca David. Encontraremos durante a semana o seguinte cardápio:

As Segundas-feiras: Senculenta feijoadada

- « Terças-feiras: Lombo d'carfona, batatas à doré
- « Quartas-feiras: Gostoso dobradinho à bolonheza
- « Quintas-feiras: Delicioso rirido à Paulista
- « Sextas-feiras: pratos variados

Jos Sábados: Churrasco à Rio Grande

- « Domingos: Sabroso nhoque e frango à curralina

Amigo, aproveite a oportunidade e também ofereça uma justa folga à sua Espôsa, tomando com sua Família uma refeição no Restaurante do Posto GULF.

Crômo das Rosas

UBIRAJARA ROCHA

Bem pensadas as coisas, as flores nada mais são do que pensamentos ou sorrisos de Deus, espalhados pela rude e rugosa superfície da terra. E quando se fala em flores é impossível que se não evoque imediatamente as rosas.

Falaremos, pois, das rosas. Cuidaremos ligeiramente das rosas, com a ternura e a simpatia que nascem do coração e não do cérebro. Quer dizer, falaremos das rosas com a inteligência do coração e não com a inteligência da cabeça. E isso porque a razão pura, embora tão hábil e tão sutil, tão apta a criar e elaborar fórmulas e conceitos, apresenta-se incapaz de compreender e estimar as cousas realmente belas da natureza e da existência. Por outro lado, o olimpismo puro e sublime da poesia, esse sim mostra-se capaz de abraçar as ricas realidades da vida, em toda a sua complexa variedade e plenitude.

Ultrapassado este introito preliminar, tomo as felizes disposições para compôr sobre as rosas uma página de pobre e insípido esteticismo suburbano.

Assim, diremos, de início, que nenhuma de suas irmãs do reino vegetal consegue sobrepujar a rosa em elegância, perfume, beleza de forma e colorido. Não nos enganamos nisto: a rosa possui uma inteligência: a beleza... Seu aroma é sem dúvida o hálito de Deus. Vestida de simplicidade e pureza, desabrochada em seus mil matizes diferentes, ela não é necessária à poesia: ela é a poesia mesma, em sua essência maravilhosa e divina.

Na imensa e bellissima catedral das flores, a rosa impera como rainha absoluta, como a mais lírica e admirável maravilha floral da natureza.

Todos os povos, antigos e modernos, admiram o mistério e a formosura de sua perene sedução. Ela foi lindamente cantada e louvada por Homero, o rapsôdo de mais alta inspiração de todos os tempos. Também Anacreonte, o poeta divino, glorificou peregrinamente a rosa, em sublime poemeto em prosa, dando-lhe o gracioso nome de «flor do amor». Toda a Grécia antiga, que sabemos ter vivido na aza de uma alma leve e encantadora, foi embalsamada pelo feitiço aéreo e infinito das rosas desabrochadas. O magnífico tesouro floral, que foi o celebre Jardim de Midas, outra coisa não era senão um enorme e formoso roseiral. As nove Musas não teciam mais nada senão corôas de rosas. As fábulas gentis celebram as rosas com o mais cáldo e amoroso entusiasmo. A vida de certas Naiades sómente consistia em ir apanhar água às fontes puríssimas da Helade, com o único propósito de dá-las às rosas. E rosas ali floriam, fadadas, desde o nascimento, a servir de preparo a delicados alimentos da sóbria culinária de Atenas.

Os sóbrios e risonhos helenos da antiguidade, cujas refeições, por vêzes, limitavam-se à ingestão de uma simples azeitona, foram decerto o único povo da História que - - - «comia rosas.» Ai, nesse gracioso hábito, talvez repouse a poética explicação porque eram tão serenos de espírito e coração, tão harmoniosos e tão perfeitos de corpo e alma. Os brandos costumes desse povo tão profundo e elevado com certeza eram originários

de seu curioso e suave sistema alimentar.

Mas não só a Grécia histórica, cuja civilização atingiu o ápice de um altíssimo grau de perfeição, se revelou vivaz admiradora e ardente enamorada das rosas. Também a Roma clássica, embora rústica e pouco artística, augusta, orgulhosa e imperial, quase grosseira no cultivo do sentimento estético, amava as flores maravilhosas, adorava até à paixão as rosas enfeitadoras e gentis. É de um eminente historiador moderno a afirmação de que o povo-rei possuía o «vício das rosas.» Vício brilhante, vício elegante; nos seus festins e banquetes tudo era feito «sub rosa dictum». Referem outros lúcidos e notáveis historiadores clássicos uma prática imaginosa e interessante dos romanos: é que, em dado momento, nos suntuosos banquetes e festins, faziam cair sobre as cabeças dos convivas uma verdadeira chuva de pétalas de rosas.

Os tempos passam, os anos se sucedem, mas a rosa continua a cumprir o seu doce destino na terra: o destino de fascinar e embevecer os olhos e a imaginação de todos que a contemplam. Seu destino é ainda o de enastrear os cabelos da mulher querida, da mulher perdida de amor, da mulher bela e feita com os mesmos carinhos com que Deus fez a flor.

A rosa é sublime quando sonha entre os dedos do esteta penseroso e esquisito. Porém, para os artistas, para os seres capazes de experimentar verdadeira emoção estética, a rosa jamais será mais bela do que quando transformada em «rosa mística», desfalecida e chorando aromas nos pés de Maria...

Declaraç

Declaro para fins
2.ª Via, haver per-
tificado de Propr
119 888 do caminh
Motor T. 5884678
1936 expedido pel
de Polícia de Itaj

Itapeva, 18/3/81

a) ANTONIO

Lote E

Vende-se a
Jardim Mar
13x35, Rua 3.

Informaç
Damas
Rua S. P.

Folha

«

«

Assi
presen

POSS

FERF

João

Pré

PERDOAR E COMPREENDER

UBIRAJARA ROCHA

INÚMERAS pessoas conheço eu que arrastam uma existência escura e infeliz, justamente porque desconhecem o sentido e as balsâmicas e penetrantes doçuras que derramam estas duas singélias e expressivas palavras: compreender e perdoar.

Se não fossemos constantemente assaltados pelo recelo de sermos enfáticos em nossas afirmações públicas e particulares, poderíamos dizer, aqui, que o perdão é a volupta dos anjos, que a compreensão é o pão dos santos. Nada há que se compare às inefáveis alegrias da compreensão, às benfeitoras suavidades do perdão.

Dizem os francêses, em sua benévola e sorridente sabedoria da vida, que: «*Tout comprende c' est tout pardonner.*» Sim compreender e perdoar. É impossível existir ódio, esse sentimento funesto que borbúilha nos caracteres inferiores, nas mentalidades subalternas e que tudo corroe ou azinhavra; não é possível existir rancor onde houver percepção clara, onde houver apreensão nítida das verdadeiras causas e motivos que impelem os homens ou que determinam o mecanismo moral das ações humanas. Sempre que odiamos, perderemos; sempre que amarmos, venceremos.

Ao cabo de tudo, vemos que esta é uma pura questão de inteligência. O homem necessita viver com inteligência, o homem total deve aplicar a inteligência no exame no julgamento de todas as coisas e de todos os acontecimentos humanos. A inteligência - - - que outra coisa não é senão uma máquina de resolver problemas - - -, discerne os males do mundo, aponta os erros e os infortúnios da existência, esclarece, corrige e idealiza a conduta, não raro consertando as vidas alquebradas e sombrias. Prova de espessa ignorância é deixar o ser humano levar-se pelas malévolas sugestões do instinto, pelos cegos impulsos da irracionalidade, pelos reflexos inconscientes da fisiologia nervosa. O raciocínio analítico deve governar e presidir o comportamento na face da terra, orientando superiormente o homem em suas relações sociais.

Uma análise fria e inteligente e corrêta emancipa-nos das falhas e tropeços oriundos de um ambiente adverso, livra-nos da hostilidade e dos perigos advindos de circunstâncias desfavoráveis. A inteligência possui o condão de adaptar-nos ao mundo em que devemos viver e trabalhar, libertando-nos das chamadas «neuroses situacionais».

Em suma, a inteligência é a flor da vida, do mesmo modo que a flor da inteligência é a liberdade.

As tendências instintivas desorientadas, associadas à ignorância do mundo físico e moral, engendram o crime, fabricam os abismos de dor, manufaturam as misérias nas quais o homem se atola e não raro se precipita e se despedaça, perdendo para sempre o que Kierkegaard denomina a sua «verticalidade infinita». O ódio, o ciúme, o egoísmo, a ambição desmedida, a cobiça, os vícios prazeres pessoais, as paixões ruins da alma «horizontalizam» o ente humano, isto é, aviltam-no, rebaixam-no, fazem-no agachar-se sob as mais deprimentes influências, distanciando-o gradativamente da presença de Deus, afastando-o paulatinamente da pátria celeste, do maravilhoso país moral, de onde veio e para onde caminha sem cessar, pela contínua evolução de sua razão e de sua sensibilidade.

No dia feliz, na data ideal, em que tudo pudermos compreender, tudo haveremos de perdoar. E tudo perdoadando, tudo compreendendo, teremos seguramente o céu na terra, gozaremos as supremas delícias da paz e da concórdia universal.

Esta é a minha Utopia, a Idade do Ouro que preconizo para a pobre e infeliz Humanidade, ainda acorrentada ao doloroso poste do sofrimento. -

HOJE o dia amanheceu envolto em conchas amarelas de ouro e toalhas felpudas de sol.

Sinto-me feliz, radiante, alegre como um estudante em férias.

Meu coração parece um paraíso lilás. Nebelinas de sons, ondas de harmonias invadem-me a alma.

Sonho, medito, evoco a doce, a suave, a deliciosa silhueta de Bela, a Dhalia Gris...

Dhalia Gris é o amor. O amor, que é a fresca alimentação da alma, o mais belo recreio da vida.

Dhalia Gris: encantadora lembrança, ave puríssima do Paraíso, delicada emoção poética:

— Amo-a em silêncio, adoro-a com volúpia de idealista platônico.

Idealizo os mais meigos transportes de amor, as mais brandes violências do amor. Mentalizo a inefabilidade e a angústia das derradeiras carícias líricas.

O sorriso de Dhalia Gris é semelhante ao pão dos anjos: sublime, inefável.

Dhalia Gris é a mais sublime das imperfeições!

Dhalia Gris tem o sorriso polvilhado, matizado de graça infinita. Ela veste carregada numa nuvem de poesia, ela sonha levada numa aza de ternura.

Seráfica, angelical, feita de delicadeza e emoção.

Coração artístico, banhado de infinita sedução.

Suas mãos são ágeis fiandeiras de sonho e ilusão.

Sua beleza cativa, empolga os mais sutis ceramistas da palavra, os poetas mais brilhantes.

Minha vida não consiste senão em tecer para ela, no tear das horas, humildes mosaicos poéticos, modestas mensagens estéticas.

Dhalia Gris: Adoro-a com desespero!...

UBIRAJARA ROCHA

CONHECI, nos tons amarelados do crepúsculo, nos desmaios de uma tarde grisalha de abril.

Aquela que meu coração deu o gracioso nome de Bela, ou Dhalia Gris.

(Que pena: tão jovem, tão linda, tão pura... E já para mim a noite estrelada da Morte vem chegando!...)

Já ouço as portas da Eternidade rodar e ranger nos seus gonços imortais...)

Desejei e amei a pureza e a beleza de Bela, a Dhalia Gris.

Adorei seus olhos belíssimos cor de veludo marrom, redondos como amêndoas.

Idolatrei sua doçura de criança tímida, sua languidez de corça cansada.

Pobre de mim: fitou-me um instante, no brilhante entardecer de abril, com seu belo olhar opiado, com sua dócil candura oriental.

Pensei: deve fluir morfina nas pétalas assestadas daqueles lábios coralinos, deve existir cocaína na corola daqueles lábios purpúreos...

A carne aromada de seus lábios é uma grande rosa de verão chorando aromas...

Meu Deus, não sei, não sei por que Bela, a Dhalia Gris, não abandona a noturna oficina de meu pensamento!...

Dhalia Gris, que eu conheci numa tarde de cinza e pessimismo, suavíssima flor de carne e sangue, que dança e voa.

Que adeja e esvoaça, com vivacidade de andorinha, nos meus espaços anímicos.

VIVE, belveder, ou not, com seu sorriso fluído e sublime, em meu coração solitário, em meu coração partido.

Dhalia Gris, divino colímbi, faça-lhe doação de todo meu ser!...

Menina-moça em flor, lépida gazela de formosos nervos e de languor celestial.

— Suplico a Deus para que multiplique meus sofrimentos em desconto dos seus!...

UBIRAJARA ROCHA

A noite estrelada vem chegando...

A FALÊNCIA da ilusão seca as rubras torrentes do coração.

Apaga a tocha divina da imaginação.

Estanca as fontes da vida, desfolha a cintilante rosa da alma.

Dilói, em espumas mortas, o rumoroso rio da poesia, e transforma, em hóstias sangrentas de dor, o vdo sublime e alcfirme da alma.

A falência da ilusão paralisa as pulsações da música e emudece as vozes da vida.

Mata na garganta os gritos de esperança e de amor, estrangula no nascimento todos os estéticos apêlos de ternura, que são os santos pães da existência.

Cóbre de terra e cinzas os lábios sonóros e ardentes do poeta.

E na risonha claridade da vida espalha as tintas grisalhas do anoitecer...

E na manhã rósea e fresca e inteiramente ensopada de luz derrama os palpores e os tons amarelados do crepúsculo.

Banha a hora róxa do crepúsculo, que excita perigosamente os loucos e os desencantados...

Da pira do crepúsculo, tão pávida, que acende nos corações desiludidos uma demente ambição de distinções imaginárias.

Do crepúsculo da vida e do amor, amorteceido basalto vulcânico, venenoso jardim povoado de insepultos pirilâmpios e jasmims, chio de cinza barro e pó, onde desabrocham as flores de todos os delírios e de todas as nevroses...

Sim: A Noite Estrelada Vem Chegando...

Vem chegando as estrelas loiras, a sombra lilás e serena, a brisa ligeira de so-

nho sublime, o encantamento divino e o veludo azul da Noite, o profundo azul purpúreo da Noite Estrelada...

Vem chegando a lágrima do sono eterno, a carícia branca do luar, o sangue celeste do infinito, o vapor avulvedado do êxtase, os fios de nevoa azulina e a longínqua voz ondulante da Noite Estrelada, gemendo no espaço a sua flexível melancolia...

Meu coração partido e solitário soluça no exílio ardente do Abandono. Carrego no peito a alma jorrando sangue, o coração desfalecendo e sangrando de mágoa e pesar. Sou pobre alga que boia no sombrio e cinzento mar do sofrimento, sorvendo sózinho, genuflexo e de mãos postas, o cálice da Dor...

Mas... a Noite Estrelada Vem Chegando...

O dia da vida está agonizando, a nuncupativa doçura do Fim já se movimenta para detonar a sua palavra cheia de ciência.

Já posso escutar o ranger das portas da Eternidade nos seus quícios imortais.

Já posso sentir as neblinas de sons, as nevoadas sonóras, o marulhar carinhoso das ondas seráficas e o angélico rumor das azas divinas...

— Sim, a grande, a imensa, a profunda, a perene Noite Estrelada vem chegando para os funerais da minha Ilusão. Vem chegando para as exéquias do meu Desespero.

Sim, ouçam-me todos os que me amam e todos os que me odeiam:

— A Noite Estrelada vem chegando, com seus pés de silêncio, com seus sutis pés de lá. Ela vem chegando, ela, a Noite Estrelada da MORTE!...

UBIRAJARA ROCHA

MARLY, A MÔÇA-FLOR

MARLY, A MÔÇA-FLOR, é uma linda rosa de verão chorando aromas. Uma grande rosa lírica, que vive cativa do amor como o perfume à flor, como o espírito à forma, como o creador à sua criação.

Vaporosa e ideal, etérea e lindamente intácta, esvoaça pelas estranhas estradas do mundo com vivacidade de andorinha. Em torno de sua beleza de jovem garça selvagem, em volta da muda sedução de sua natureza harmoniosa brincam as inebriantes e graciosas ilusões da vida. Flutua a sublime pulsação da música. Dançam as suavíssimas melodias do céu.

MARLY, A MÔÇA-FLOR, é o mais belo devaneio de um poeta lírico. Sonho colorido de um filósofo pagão. Formosa divagação de um fumador de ópio. Preciosa e fugitiva espuma de felicidade. Tentação viva, feitiço inefável, brilhando na fimbria do horizonte misterioso e vago do destino.

Êxtase completamente divino é o de contemplá-la perdida na graça sensual da linha ondulante. Com os ligeiros movimentos de seu corpo ambarino, anda ondala, quase voa, nos caminhos floridos do coração. Adorável e encantadora, languida e fina, com caprichos de onda nas palpações de seu coração de sêda, dir-se-ia borboleta, pétala viva, pétala de primavera, dançando na móvel superfície das almas como ágil dançarina de tornozelos nervosos.

MARLY, A MÔÇA-FLOR, é errante e solitária como a nuvem. É poéticamente pura e virginal como a pomba. Cheia de lírica ternura, assemelha-se a desenho de celeste melodia traçado na paisagem de cinza. É embora sendo muito casta e muito pura, em seu sorriso há sempre algo de misterioso, de sutil, de interior, que inquieta e faz sofrer, que seduz e perturba os corações.

O sonho mora em sua delicada psiquê de mariposa. A ternura reside na doçura de seus olhos pensativos e serenos, sombreados por longos cílios crespos. A carícia adormece em suas longas mãos amenas e sensíveis. O beijo repousa em seus lábios úmidos e macios, suspira em sua boca fresca e cor de sangue. E rouxinóis gorgeiam, sobem, trinam na vibração de sua voz clara e musical, inspirando o meigo e doce calor de paixões puríssimas.

O coração de MARLY, essa meiga e tranqüila ave do Paraíso, descansa numa nuvem de poesia. A rosa luminosa de sua alma é levada nas azas da imaginação. Sua alma possui a melancolia dos lagos às últimas luzes da tarde.

MARLY, gentil figura de donzela dócil e espiritual: Nós, que vivemos com os pés no pó, que vivemos tão desiludidos, tão cansados, nós, que apenas possuímos uma alma passageira, feita de miséria e ilusão, só podemos tocá-la com a ponta de nosso pobre pensamento. Pensamento mortal, pensamento impuro e imperfeito, embora embebido de submissão ideal, repleto de profunda devoção.

No coração de MARLY encontramos o nosso próprio coração. Sua bondade vence o amor e a dor: sua bondade vence o amor, porque este é um ardor sêco, colérico e violento, é um sentimento paciente e implacável como o ódio.

MARLY, A MÔÇA-FLOR, é coração, é bondade, é ternura. É música sem paixão, música transparente, pura e cristalina como um mar tropical, como um lago alpino. Ela é realmente o céu: é bem a vida profunda da alma.

MARLY não é a funesta filha do sonho e do capricho, é um tesouro precioso e querido que deve ser amado e abençoado.

MARLY, a virgem de colo de onda, a virgem de basta côma flava, a grácil gazela de esbêltos pés dourados, é o cândido volátil do amor.

MARLY, sêr sensível e idealmente gracioso, criatura que modera, adoça, acalma, é um belo sorriso de Deus. É o gentil passarinho de Deus, fechado, aprisionado, por entre eflúvios de nardos e cravos, nas grades de ferro da atróz gaiola que se chama — Medo de Amar...

Medo de amar — ilhóta platônica perdida no imenso oceano da vida. Insatisfação que leva ao jardim das nevroses...

SOCIAIS

A MORTE DO LENHADOR AMARELO

AO PROCEDER a uma exposição pensamental, descobri de repente que eu era o avô de mim mesmo. Por isso, decidi morrer. Por isso, resolvi entrar em contacto com a divina essência do universo. Morri...

Quando eu morri, estava quase fora de mim. Tinha o cérebro azulado pelos vapores do álcool. Meus atos já não tinham uma fisionomia clara. Havia luars cobrindo o meu quadrilátero racional. Foi aí que ouvi um amigo budista dizer que eu ia por fim descansar no paraíso.

Descansar no paraíso... Belas palavras ditas à cabeceira do amigo moribundo. Formosa concepção do espírito amigo e fiel. Pena é que o paraíso talvez não exista — o que é tremendamente provável.

Cem teólogos e cem filósofos respeitáveis se esfalfam, com ardentes palavras, em demonstrar a existência do paraíso, o que prova irrefutavelmente que ele não existe mesmo.

(A idéia generosa do paraíso é uma verdade. Infelizmente, contra ela luta apenas a evidência).

É muito difícil a um morto escrever sobre a sua própria morte. Algo difícil assim como escrever sobre o patético da terceira dimensão. Ou discorrer sobre o socialismo do átomo. Ou falar sobre o sistema social das almas, ou ainda sobre o estilo jesuítico da matemática. Perdoem-me, portanto, os prezados mortais que me lêem, relevando-me as dislogias e desconexões de pensamento que polvilham este trabalho.

Lembro-me, agora, que, antes de expirar, um frade capuchinho segredara-me que eu iria finalmente mergulhar no seio da consciência universal. Consciência universal! Bonitas palavras, doces palavras de um sacerdote! Eu iria permanecer além do Bem e do Mal. Iria contemplar o mundo com o «desdém incomensurável dos finados». Consoladora concepção das religiões mais adiantadas e evluídas. Pena é que a atual consciência universal também não existe.

Ouvi uma risadinha de hiena, aguda e breve. Talvez alguém se lembrasse de citar, «ao pé do leito derradeiro», que o homem era uma «totalidade fechada». (Nietzsche).

Recordo-me que outro circunstante, talvez buscando uma definição cruelmente exata de minha vida, piedosamente dissera, citando Augusto dos Anjos:

— Coitado, até que foi bom ele morrer... Ele pertencia à «energumena grei dos ébrios da urbe».

Meu maior sentimento, antes de abandonar a existência, foi não ter podido tomar um drinque com o cronista social, que estava presente à minha bela agonia.

Na terra, enquanto vivi, meu taciturno espírito nada mais foi que um breve ensaio, uma simples experiência mental. A vida enojava-me. Sempre vivi entre seres mesquinhos e vis. Por outro lado, sempre senti um interesse dramático pelo invisível. Esse sentimento profundo sempre ajudava-me a odiar a escolástica social, as convenções tolas e mesmo o mecanismo moral do mundo.

Sempre execrei a estupidez integral do homo médio, filho esotérico do bezerro de ouro, com sua fria máscara de cal, amante fervoroso do efêmero, do transitório, do específico, ferrenhamente apegado ao objetivo e às superfícies. Não hesito em afirmar que essas inumeráveis criaturas são hérpes malignos dos lábios sociais.

Deixei, por fim, a passividade pastoril do rebanho humano. A pecuária ou zootécnica humana já não me interessa. Parto em busca dos mistérios insondáveis da «donzela pálida, marmórea e fria». (Nietzsche). E lembrem-se: nesse patético momento não procurarei me ocultar, como muitos, na guarita do medo.

A morte possui a tranquilidade de um longo crepúsculo de outono. «A morte é a frescura da noite, e a vida, o dia sufocante». (Heine). A morte não é, portanto, a tal «hiena magra e vesga».

«Não somos nada, nada, sem uma companhia.» É verdade. Mas não pude amar como eu queria. Exijo o amor total, absoluto. Em amor, sempre procedi de um modo federal. Nunca compreendi o amor bipartido, dividido, balcanizado...

Momentos antes de morrer, minha alma perdeu a cor. Qual é mesmo a cor da alma? Respondam, senhores do conselho de sentença. Qual é a cor da alma?

Ainda antes de morrer, compreendi as altas palavras de Leopardi, o cisne negro de Recanatti: «Due così belle ha il mondo: amore e morte».

Galgando as ribas afortunadas da morte, deixarei de cantar a torva canção da necessidade. Minha alma passageira, feita de miséria e ilusão, irá adormecer no nada. Assistirei, pessoalmente, à curiosa decomposição de meu envelope. (O corpo é o envelope da alma).

Estarei perto de Deus, a definitividade sem fim. (Deus não é nenhum «vertebrado gazoso» (Haeckel), nem um «fantasma de existência permanente» (Spencer). Deus é o supremo legislador moral do universo).

Viverei para sempre numa paisagem de cinza. Mergulharei no profundo coração do tempo, que é o dinamismo do nada.

Deixarei de ser o lobo da estêpe, o homem das cavernas num mundo bárbaro e cruel.

Conhecerei o «vale da verdade», e ali viverei tranqüilo quatro milhões de séculos.

Tocarei o dedo astral de Deus...

— Bela, por favor, não chore!...

O Poeta Ubirajara Rocha

«Poucos homens são dotados da faculdade de ver e, menos são, ainda, os que têm o poder de exprimir». Charles Baudelaire.

A partir do próximo domingo A FOLHA publicará uma série de composições do poeta Ubirajara Rocha, encimadas por um título inmutável: «Folhas soltas».

Dhalia Gris, como o poeta mesmo traduz numa de suas cartas, «constituirá o idealismo da juventude que nasce para o amor. Juventude antiga, liberal, romântica, que amava ou ama as ninfas etéreas, os cisnes inconsúteis. Dhalia Gris deve ser de fluidez levíssima, como a de uma mantilha andaluza»...

Acreditamos que assim será, pois os que possuem sensibilidade, acharão nas composições de Ubirajara Rocha, toda a significação do amor, todo o ideal da beleza. De sua pena máscula e ao mesmo tempo sutil, brotam verdadeiras torrentes de singeleza, de pureza, as vezes lúgubres:

«... A noite Estrelada vem chegando, com seus pés de silêncio, com seus sutis pés de lã. Ela vem chegando, ela, a Noite Estrelada da MORTE!...»

Mas, quem poderá descortinar o vasto mistério da mente humana?

Que estranhos pensamentos atormentam o homem, em suas horas solitárias, no vazio de um quarto?...

«Sou pobre alga que boia no sombrio e cinzento mar do sofrimento, sorvendo sózinho, genuflexo e de mãos postas, o cálice da Dor...»

Vislumbramos, todavia, em outra mensagem, uma tristeza menos atrôz e impregnada de misticismo:

«Minha tristeza é igual a de Cristo no final da Ceia!

.....
No cair da tarde primaveril vislumbro fugitivos sorrisos de Deus».

Entretanto, na sua composição elegíaca, ofertado a Dhalia Gris (nome criado num grande momento de inspiração), pode parecer ao leitor que o poeta é feliz aparentemente, o que seria um juízo precipitado, isso porque, de todo seu canto, uma única frase põe a nú, a alma melancólica do artista:

«DhaliaGris: Adoro-a com desespero!...»

Suas mensagens abstratas penetram fundo na alma e cantam toda tristeza e melancolia de um ser dotado de um poder profundo de transmissão do sentimento humano.

O poeta erudito consegue elevar-nos ao etéreo espaço, mesmo os que estão muito assentes nesta pobre terra.

Dhalia Gris será — como Poo-Sec, outra imagem poética que logo os leitores conhecerão — o símbolo «da juventude que nasce para o amor». Será evocada nos momentos melancólicos, em que o abatimento de um Adeus prosta o homem por terra.

Assim acreditamos que seja, porque temos a impressão de ouvir, ainda, a voz do poeta vinda do intermundo infundável, numa súplica que percorre o espaço:

«... Sim, ouçam-me todos os que me amam e todos os que me odeiam»...



TEBALDO SIMIONATO é o nome de mais um enamorado da pintura, que desponta radiosamente neste belo sorriso da terra, que é a cidade de Pinhal.

Traçaremos hoje, aqui, um singelo perfil estético a respeito desse modestíssimo rapaz, que, com denodado esforço próprio, com pureza de intenções e perfeito desinteresse pessoal amorosamente cultiva a su-

blime arte de Van Gogh. Leigo que somos nessa difícil matéria, que é a arte das cores, das linhas e dos movimentos congelados, nada apresentaremos de novo, a não ser a fervente mensagem de nossa sensibilidade.

Tivemos a ventura de contemplar e mesmo estudar inúmeros quadros e telas de Tebaldo, expostas aqui e ali, em coleções públicas e particulares. Chamou-nos logo a atenção a sobriedade do desenho, a sutileza das intenções, a graça e o arrojo na concepção dos temas. O traço é forte, por vezes doce e sutil, demandando concentração demorada para o entendimento da idealização do artista. Tratando-se de um talento juvenil, seu espírito no entanto alçaprema-se em surpreendente maturidade no tratamento temático, o que muito nos alegra, porque nada é mais insuportável que a frivolidade moderna.

O povo pinhalense, culto como é em certas camadas, tem estimulado o engenho do nôvel artista do pincel e da xilogravura, adquirindo com alguma regularidade suas composições, para artístico ornamento de seus lares e de seus ambientes sociais.

Temos a honra e a felicidade de merecer a amizade do pintor. Somos amigos do artista. Em nossa apreciação, entretanto, sinceramente impressionista, não vai nenhum matiz de lisonja rasteira, nenhum vestígio de insinceridade ou hipocrisia. Escrevemos aqui com a nota, com o calor da verdade do que realmente sentimos e experimentamos à vista de seu formoso talento, que dealba promissoramente para o luminoso mundo da arte.

II *

TEBALDO — o jovem pintor pinhalense —, ama a esparsa sedução das coisas e dos seres. Embora ainda envolto nas puras emoções da juventude, sua alma oscila em perpétua inquietação.

Em suas telas existe a música da cor. Há pinceladas, em seus quadros, que lembram pérolas diluídas, opalas irizadas. Finta, por vezes, com leveza graciosa e voadora, com uma película brumosa de vapor, evocando poentes esmaecidos. Em outras ocasiões é passional e estranho, é ainda triste e amargurado, lembrando descantados de rouxinol aflito.

TEBALDO

Tebaldo é uma alma que fala a outra alma. A constante idolatria do belo empolga e apaixoa a sua inquieta psiqué. Nada arrefece seu profundo amor pela beleza. Sua arte é pura, delicada e fantasista, inflamada pelo sonho e pela ficção.

A bem dizer, não possui vícios nem taras, essas formas trágicas da vida. Sua mente é a um tempo ardente e cândida, estimando a onda dos pensamentos harmoniosos e dramáticos.

E' um artista finamente decorativo e ideal. Inventiva, imagiosa, sonha, ao ritmo e ao sabor da fantasia. E' dono de vivo instinto da forma; nada nêle é vulgar ou fastidioso. Sua sensibilidade é natural, uma sensibilidade nada artificiosa, que emociona pela sinceridade.

Não se trata de um encanto fatigado, mas de um atraente véu de imprecisão o que sua mensagem artística exprime, o que é a nota da verdadeira arte da pintura. A pintura é sobretudo a arte de traduzir os sonhos de nossos sentimentos...

Tebaldo é capaz de chorar pecados nunca cometidos. E' capaz de mergulhar na desolação ou expressar alegrias estonteantes. E' capaz de comunicar pensamento, espiritualidade e paixão, criando atmosferas de doçura e sugestão.

Seus assuntos são francamente artísticos. Abomina os detalhes históricos, sempre fastidiosos e habitualmente inexactos. O realismo crú o enfastia; alasta, com desdenhosa repulsa, o tumultuoso caos da existência real. Sua arte é essencialmente subjetiva e intimista. Prefere viver e sonhar na esfera metafísica da existência abstrata. Daí o detestar as crenças ócas e perniciosas.

Nosso pintor ama o sofrimento divino do artista torturado: Van Gogh. Adora as delicadas figuras distantes, as dançarinas etéreas, os níveis pés palpitantes das ninfas. Sua alma habita o invisível mundo da paixão e do pensamento. Seus sentimentos palpitam envolvidos numa inefável luz submarina.

E' um adorador da mágoa. Cultiva flores no coração de suas mágoas. Ama as moças leves e ligeiras, moças que são lírios pisando lírios.

Tebaldo marcha na solidão e sonha...

III *

NA VERDADE, Tebaldo Simionato constitui uma rara curiosidade artística. Nasceu inteligente entre os pinhalenses felizes. Trata-se de um pintor que sente com amor a natureza e a vida. Seus quadros são gestos harmoniosos da alma; suas telas nascem de mistura com o amor e o pensamento.

Dedica um interesse fiel aos temas estéticos. Artista inteligente e fino, o salário de sua arte repousa na compreensão das almas sensíveis, que tanto o admiram e estimam.